****

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS

CURSO DE HISTÓRIA

FRANCISCA LUCIVÂNIA DE OLIVEIRA TEIXEIRA

**“[...] O QUE ELES SABIAM, ELES PASSAVAM PARA OS ALUNOS”:** História e memória de professores leigos na cidade de Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980

PICOS – PI

2021

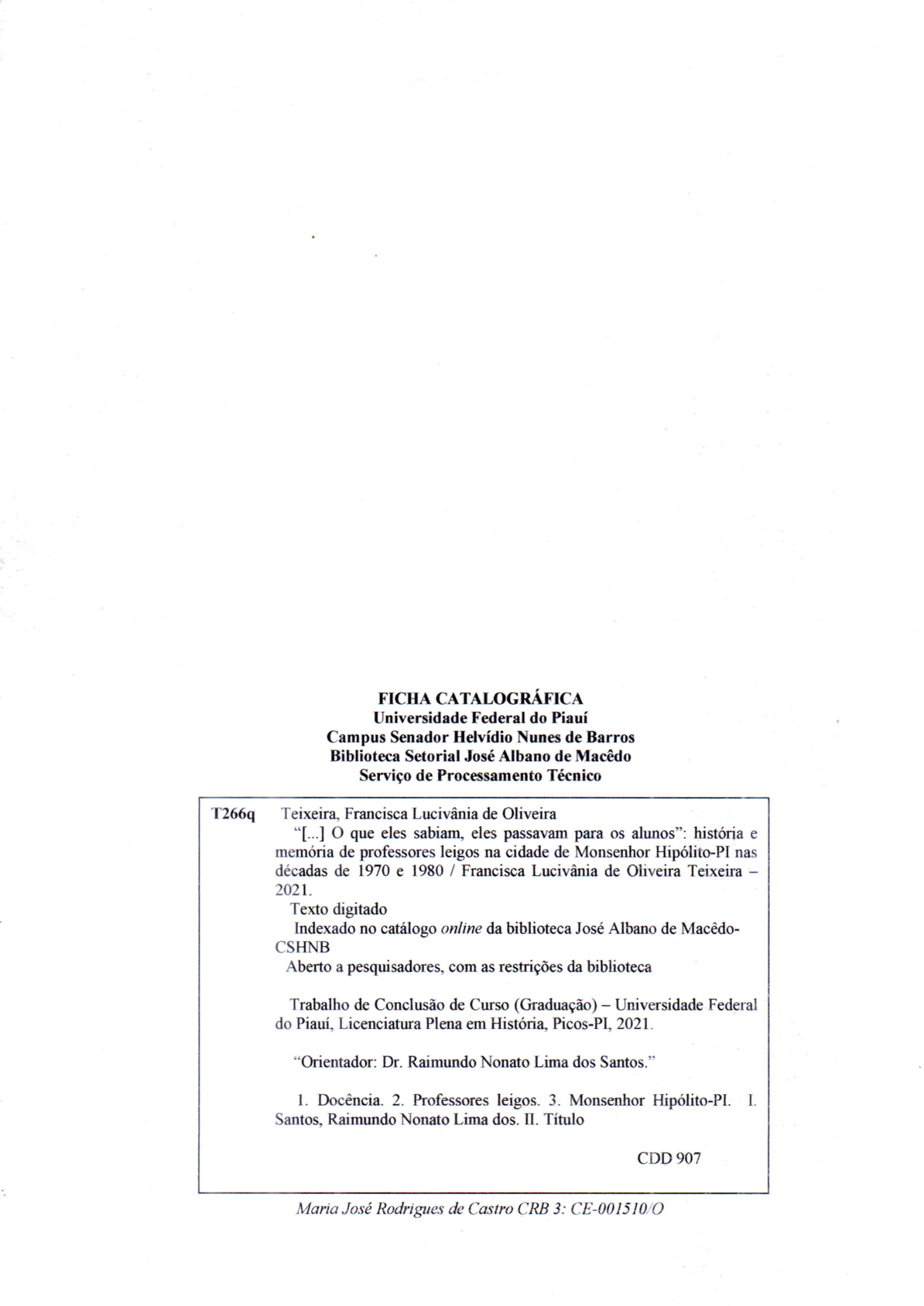
FRANCISCA LUCIVÂNIA DE OLIVEIRA TEIXEIRA

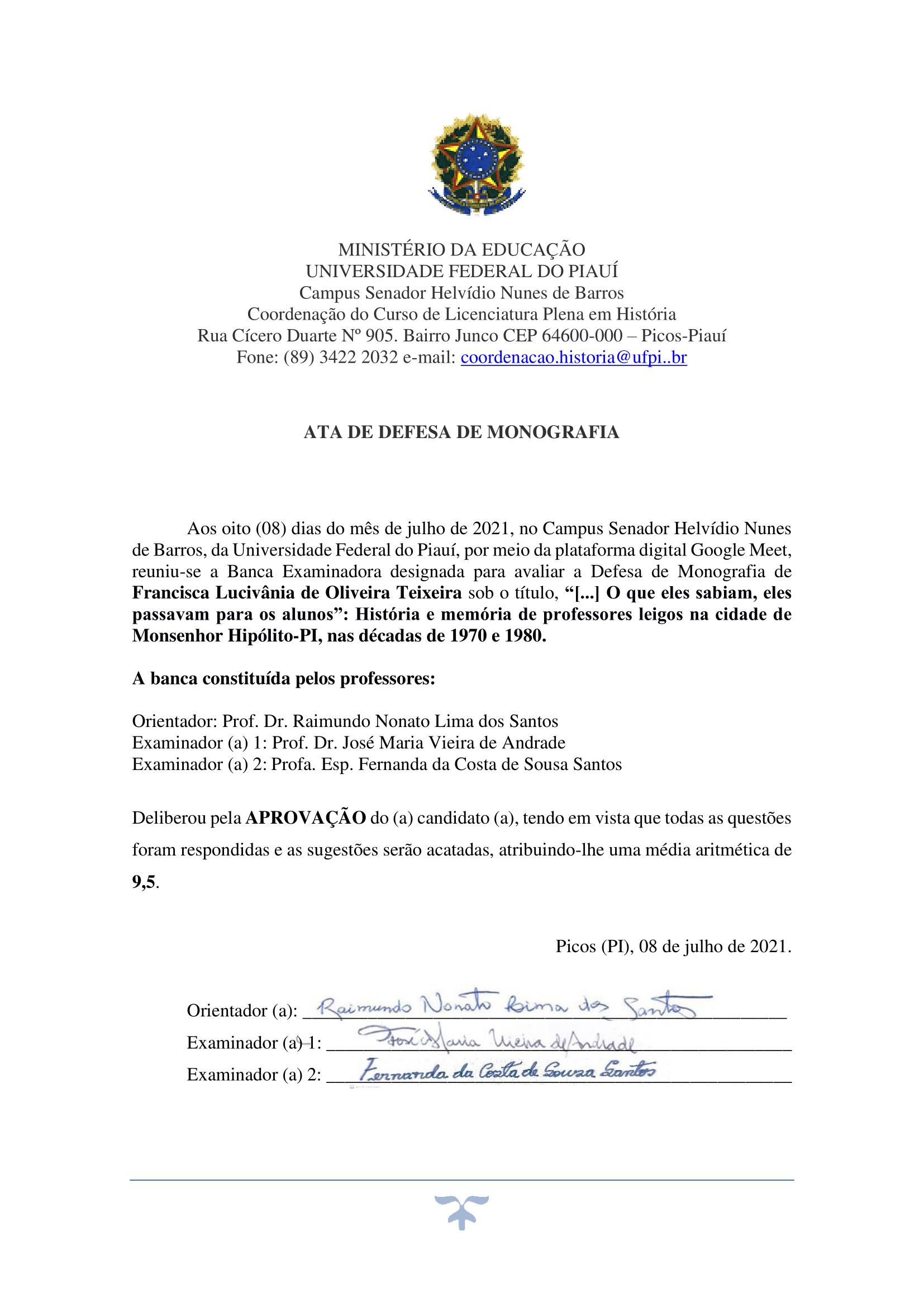
**“[...] O QUE ELES SABIAM, ELES PASSAVAM PARA OS ALUNOS”:** História e memória de professores leigos na cidade de Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980

Monografia apresentada por **Francisca Lucivânia de Oliveira Teixeira** ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do diploma de **Graduada em História**. Elaborada sob orientação do **Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.**

PICOS-PI

2021





Esse trabalho é dedicado a Deus, que é a fonte de toda minh

**AGRADECIMENTOS**

**AGRADECIMENTOS**

A Deus, pois todas as vezes que me cansei e pensei em desistir segurou minha mão e me fez forte para continuar essa caminhada.

Aos meus pais Nalba e Genival, pelos ensinamentos que são para a vida e por toda dedicação e apoio, por me proporcionarem educação, mesmo diante de todas as dificuldades.

Às minhas irmãs Luana e Lariza, pela disposição sempre que precisei e pelo incentivo.

Ao meu esposo Raimundo Nonato, pelo companheirismo, amor e compreensão durante todos esses anos.

Aos meus amigos, pelos bons conselhos e momentos de aprendizado e alegria.

Às minhas amigas e companheiras de curso, minhas “Manus”, Emanuela Coutinho e Emanuela Cavalcante. Vocês tornaram essa caminhada mais leve.

Ao meu professor e orientador Raimundo Lima, pelos ensinamentos, compreensão e paciência no processo de elaboração desse trabalho. Obrigada!

A todos os professores que contribuíram com o processo de minha formação, por todo conhecimento compartilhado ao longo desse curso, cada um deixou sua marca em meu aprendizado.

A toda minha família que nunca mediram esforços para me ajudar durante esses anos de graduação e que acreditaram nos meus sonhos, no meu potencial e me incentivaram a seguir sempre em frente.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente me apoiaram e contribuíram para minha formação acadêmica. Muito obrigada!!!

Esse trabalho é dedicado a Deus, que é a fonte de toda minha força e a minha família, pelo apoio constante.

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

[*Cora Coralina*](https://www.pensador.com/autor/cora_coralina/)

**RESUMO**

O trabalho analisa a história dos professores leigos e sua contribuição à educação escolar em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980. Este estudo foi construído com o apoio de pesquisa bibliográfica e, principalmente, através de relatos orais. A análise das fontes contou com as reflexões teóricas de Michael Pollak (1992), Paul Thompson (1992) e Sônia Freitas (2006), dentre outros. O estudo apontou o fato de que os professores leigos contribuíram para educação na cidade de Monsenhor Hipólito. Apesar de não terem muita instrução, repassavam para os alunos aquilo que sabiam, sendo que um só professor era responsável por ensinar todas as disciplinas e, buscavam um contato com os pais para que pudessem melhor desenvolver os alunos, que por sua vez costumavam dividir seu tempo com o trabalho na roça.

**Palavras-chave:** Docência. Professores leigos. Monsenhor Hipólito-PI.

**ABSTRACT**

The paper analyzes the history of lay teachers and their contribution to school education in Monsenhor Hipólito-PI in the 1970s and 1980s. This study was constructed with the support of bibliographical research and, mainly, through oral reports. The analysis of the sources had the theoretical reflections of Michael Pollak (1992), Paul Thompson (1992) and Sonia Freitas (2006), among others. The study pointed out the fact that lay teachers contributed to education in the city of Monsignor Hipólito. Although they did not have much instruction, they passed on to the students what they knew, and a single teacher was responsible for teaching all the subjects and sought contact with the parents so that they could better develop the students, who in turn used to share their time with the work in the garden.

**Keywords:** Teaching. Lay teachers. Monsignor Hippolytus-PI.

**SUMÁRIO**

|  |  |
| --- | --- |
| **1 INTRODUÇÃO.............................................................................................** | **09** |
| **2 A CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO-PI:** formação e interseções entre educação e sociabilidades nas décadas de 1970 e 1980............................. | 16 |
| **2.1 As cidades:** conceito e construção histórica | 16 |
| **2.2** **Monsenhor Hipólito-PI:** a construção histórica da cidade e suas sociabilidades...................................................................................................... | 19 |
| **3 A EDUCAÇÃO EM MONSENHOR HIPÓLITO-PI:** olhares diversos sobre a docência nas décadas de 1970 e 1980.................................................... | 27 |
| **3.1 A docência em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980 na memória de sujeitos inseridos na trama histórica da educação...................** | 28 |
| **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.......................................................................** | **50** |
| **REFERÊNCIAS................................................................................................** | **52** |

**1 INTRODUÇÃO**

Na trajetória que traçamos ao longo do curso de História da Universidade Federal do Piauí, algo sempre inquietante e que marca essa jornada é a busca pelo tema do Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse sentido, minha intenção sempre foi abordar um tema ligado à história do Piauí, pois sempre tive grande apreço pelo meu Estado e sempre me interessou saber mais a respeito de sua história porque quando se busca conhecer mais acerca do Piauí é possível notar que existem muitas lacunas, enquanto alguns temas são debatidos exaustivamente.

A produção acadêmica da UFPI e de algumas faculdades semipresenciais que ofertam o curso de História, como a Unopar e a UNINTA, através dos alunos que se formam em História, vem colaborando para que seja possível conhecer mais acerca do Piauí, de sua história, de fatos peculiares e, assim, escolher uma temática para trabalhar na monografia mostrou-se ainda mais importante.

A certeza de que o trabalho seria relacionado à história do Piauí se fez presente desde o principiar de meus estudos no curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, porém, a delimitação do tema continuava a ser motivo de inquietação. As dúvidas eram muitas e persistiam em relação a encontrar um tema pertinente à história do Piauí que me despertasse o interesse e, ao mesmo tempo, levasse à construção de um trabalho que tivesse um valor significativo para posteriores estudos.

Pensando a respeito da pesquisa que pretendia construir, a educação se mostrou um âmbito que mais me interessava, um tema que gostaria de saber mais, que despertava minha curiosidade. A educação é um tema de grande importância na sociedade brasileira, ela é resultado de um longo processo histórico responsável pela sua configuração atual. A educação é, também, no Brasil, resultado de um processo desigual, que por muito tempo atingiu uma pequena parcela da população, mostrando ser relevante discuti-la e conhecer um pouco mais acerca de seu processo. O contato com a disciplina História da Educação, no segundo período do Curso de Licenciatura Plena em História da UFPI, foi muito importante para que compreendêssemos práticas educativas e escolares que ainda permanecem. O interesse pelo tema educação, também, foi se constituindo conforme cursava algumas disciplinas pedagógicas do curso, como Sociologia da Educação.

Nesse sentido, escolhi trabalhar a respeito da temática educação acreditando na importância que esta tem na vida das pessoas e como corresponde aos anseios do povo de fazer parte da construção de um país, sendo de suma importância para o exercício da cidadania.

A educação é um tema de destaque na sociedade pela sua importância para a formação social dos cidadãos, por isso, é importante conhecer seu processo histórico, observar como ela se desenvolveu no Brasil e as suas especificidades locais. Filha de Monsenhor Hipólito-PI, uma cidade pequena com uma população de 7. 749 habitantes (IBGE, 2020). Resolvi buscar em sua história o tema de minha pesquisa de conclusão de curso, o que me motivou a buscar fontes e a construir o estudo.

Monsenhor Hipólito-PI nasceu da antiga Fazenda Riachão através dos moradores Vitor Avelino de Sousa Ferreira e Ana de Jesus Batista, o ano de 1956 marca a elevação da cidade a categoria de cidade. Ganhou o nome de Monsenhor Hipólito em homenagem a João Hipólito de Sousa Ferreira (BEZERRA, 2007).

O período de recorte temporal desse estudo corresponde a 1970 e 1980, contudo convém destacar que a educação escolar foi instituída em Monsenhor Hipólito-PI na década de 1950, assim fazendo uma relação entre passado e presente, salienta-se que a cidade, atualmente, tem destaque estadual e nacional devido à participação da aluna Tainara Alves de Oliveira, da Unidade Escolar Padre Cícero Romão Batista, no programa Caldeirão do Huck, no quadro “Soletrando” na rede Globo de televisão. Contudo, as décadas anteriores foram marcadas por problemas educacionais com práticas de ensino formal e informal desenvolvidas de forma precária. Na cidade, a educação escolar se instituiu com a sua emancipação política em 1957 e se desenvolveu com falta de professores devidamente qualificados, prédios escolares improvisados, falta de recursos didáticos e de uma pedagogia renovadora que rompesse o tradicionalismo na “educação bancária” – tanto por parte do poder público municipal como pelo poder público estadual (SANTOS, 2012).

De modo que destacar a história da docência em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980 sob o olhar dos professores leigos[[1]](#footnote-1), alunos, pais de alunos, funcionários e moradores da cidade passou a nortear a construção desse trabalho. Considerando que os professores leigos, mesmo com pouca instrução, atuaram para que as crianças da região de Monsenhor Hipólito não ficassem ser receber educação e desenvolvessem pelo menos o conhecimento básico. Assim, a memória daqueles que vivenciaram esse período se mostra importante para conhecer e preservar a história piauiense.

Escolhemos o recorte temporal deste trabalho, décadas de 1970 e 1980, pelo fato de ter sido um momento marcante para a educação em Monsenhor Hipólito. Na década de 1970, mais precisamente no ano de 1975, ocorreu a instalação do curso ginasial na cidade através da CNEC (Campanha Nacional de Escolas na Comunidade), por intermédio do então prefeito Virgílio de Sá Bezerra, pois, até então, o município só dispunha de ensino Primário, sendo um momento importante para o povo hipolitano. Mas considerando que muitos residiam no interior (Zona rural) e continuavam a frequentar as escolas locais e que, mesmo diante de mudanças na educação hipolitana, até a década de 1980 foi comum o trabalho dos professores com pouca instrução – os professores leigos, sujeitos dessa pesquisa.

A escolha por falar dos professores leigos também foi motivada por duas produções acadêmicas da Universidade Federal do Piauí, o trabalho de Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012) *Educação e sociedade na cidade de Monsenhor Hipólito – PI durante os anos de 1975 a 1998* e o de Maria do Carmo Rodrigues Costa (2014) *Os professores leigos e suas histórias: uma abordagem sobre a docência na microrregião de Picos no período de 1980 a 1996.*

O trabalho de Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012) trata da educação em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980, para tanto ele realiza em um primeiro momento uma análise da cidade em uma perspectiva histórica, mostrando desde a fundação do povoado a sua estrutura física e aspectos referentes à atuação política na cidade, bem como a religiosidade de seu povo. Dessa maneira, a cidade de Monsenhor Hipólito é assunto do estudo de Santos (2012) que trata especificamente da educação na cidade nos anos de 1975 a 1998, portanto, é de grande importância na construção desse estudo. Dessa forma, os pais contratavam professores que se deslocavam para a casa dos alunos para alfabetizar.

O trabalho de Maria do Carmo Rodrigues Costa (2014) *Os professores leigos e suas histórias: uma abordagem sobre a docência na microrregião de Picos no período de 1980 a 1996* em sua empreitada de conhecer a atuação dessas pessoas que promoveram a educação nessa região traz também um olhar sob a educação formal no Brasil em um longo processo histórico, que em uma perspectiva histórica percebe-se que nem todos tiveram acesso à educação, que esta foi um processo desigual e que por muito tempo foi privilegio das elites. Assim, temos momentos distintos da educação no Brasil, conforme os momentos históricos que o país vivenciou. Nessa perspectiva, em seu Trabalho de Conclusão de Curso a aluna aborda os caminhos da educação formal no Brasil desde o período colonial, passando pelo Brasil Império ao Brasil República.

Assim, este estudo possui importância para a sociedade em geral, pois possibilita um olhar a respeito da história local, conhecendo mais sobre a educação e seu processo de desenvolvimento de uma perspectiva nacional para estadual, traz um olhar sobre o processo da construção do ensino formal no Brasil e como este se apresentava no Piauí nas décadas de 1970 a 1980.

Para o meio acadêmico, o estudo tem a relevância de trazer informações baseadas em diversos autores que discutem a temática educação formal no Brasil e no Piauí e através da História Oral poder conhecer a realidade de ensino no Piauí, os desafios que os professores leigos enfrentavam para levar educação para os alunos no espaço social de Monsenhor Hipólito, dessa forma constitui-se em fonte de conhecimento e de informações para a construção de novos estudos que venham a contemplar a temática.

O estudo aborda a problemática referente à educação brasileira, mas especificamente sendo pertinente a História do Piauí. Assim, o estudo delimita-se à educação na cidade de Monsenhor Hipólito-PI, nas décadas de 1970 e 1980, onde conta com a memória dos professores leigos e outros envolvidos no processo educacional, que buscaram educar as crianças da região enfrentando desafios referentes às particularidades da época, bem como suas limitações.

Assim, o problema que se apresenta à pesquisa é: Como se desenvolveu a educação escolar na cidade de Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980? Como se desenvolveu o ofício docente de professores leigos nos referidos recortes espacial e temporal? Quais as contribuições dos professores leigos para o desenvolvimento educacional da cidade de Monsenhor Hipólito-PI?

Para responder essas perguntas, privilegiamos o uso de fontes orais, bem como o uso de estudos sobre educação em Monsenhor Hipólito-PI e demais cidades do estado do Piauí no recorte temporal da pesquisa. Assim, para construir essa pesquisa contamos com a entrevista de uma aluna, Analete da Conceição Oliveira, 45 anos, que estudou em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980, bem como um pai de aluno, José Geraldo de Oliveira, 67 anos, uma funcionária escolar, Joana Lídia da Conceição, 60 anos, uma moradora da cidade, Maria das Graças dos Santos Bezerra Ribeiro Pinto, 72 anos, e duas professoras, Catarina Francisca de Sá e Sousa, 69 anos e, Anazilda Filha dos Anjos, 54 anos, que lecionaram no período do recorte temporal. Eles foram escolhidos para a pesquisa através de uma busca que aconteceu com moradores da cidade através de conversas informais onde pude ir tomando conhecimento dos sujeitos que vivenciaram a educação nas décadas de 1970 e 1980. Após selecionar alguns nomes, conversei com os eles e aqueles que aceitaram participar da pesquisa, concedendo entrevista, colaboraram para a construção do estudo.

Como o trabalho foi construído através da metodologia da História Oral, a História Oral também corresponde à fonte de pesquisa, sendo que as entrevistas são a principal fonte desse estudo, alguns autores foram relevantes à pesquisa para que se pudesse compreender as percepções dos sujeitos e o que suas memórias guardaram. O estudo de Michel Pollak (1992) realiza uma análise acerca da memória, observando o que alguns autores de renome pensam a respeito dela, como Halbwachs e Nora, que mostram os movimentos, tradições e personagens históricos que fazem sempre relembrar. Aponta, ainda, a tradição metodológica durkheiniana que trata fatos sociais como coisas e que define o que é comum a determinando grupo. A tradição durkheiniana, segundo Michel Pollak, enfatiza a força que a memória coletiva representa, que é uma força quase institucional.

A seletividade da memória é mencionada por Pollak quando da perspectiva de Halbwachs e da conciliação existente entre a memória coletiva e a memória individual. Nesse contexto, entende-se o caráter problemático que a memória coletiva apresenta partindo da análise de como os fatos se tornam coisas.

Para Michel Pollak (1992) a história oral privilegia a análise dos excluídos, daqueles que são marginalizados da história, o que deu importância para as memórias subterrâneas e tornou-se parte integrante das culturas minoritárias e dominadas. Para Michel Pollak na atualidade os pesquisadores têm mostrado uma predileção por conflitos e disputas, para elucidar essa questão Pollak toma como exemplo a escrita dos crimes de Stalin, a desestalinização, que trouxe à tona diversos sentimentos.

Michel Pollak (1992) também destaca o problema que envolve a memória e a identidade social que segundo ele está relacionado à história das vidas, trata da abordagem histórica referente à memória que para ele é o problema da identidade. Michel Pollak lança um olhar especial acerca da História Oral e dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos que utilizam entrevistas, nesse caso esses trabalhos recolhem memórias individuais e quando há entrevistas em grupo recolhem-se memórias coletivas e é preciso saber interpretá-las e o problema reside exatamente em saber como interpretar essas memórias recolhidas por meio das entrevistas.

Também foi relevante o trabalho de Sônia Maria de Freitas (2006) que mostra sua experiência com fontes orais e relata os problemas relacionados a essas fontes orais, mostrando como as entrevistas se constituem em uma prática para construção histórica, um instrumento para ela, mas que precisa de reflexões.

O texto de Sônia Maria de Freitas (2006) mostra que no Brasil é grande o número de trabalhos realizados com a metodologia da História Oral. Ela tem sido uma fonte para as ciências humanas, uma metodologia própria para a construção do conhecimento. O texto mostra que vem sendo buscada uma definição para a História Oral, debatendo muito o assunto, questionando se a História Oral é um método, uma técnica, um procedimento.

Sônia Maria de Freitas (2006) define a História Oral como um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos que se articulam para narrar experiências humanas. A História Oral é técnica e fonte para a produção de conhecimento, ela cria fontes históricas, uma documentação que deve ser armazenada e conservada. Para que seja utilizada é preciso definir claramente os objetivos da pesquisa.

A História Oral, no ponto de vista de Sônia Maria de Freitas (2006), pode ser dividida em três gêneros distintos: tradição oral, história de vida, história temática. Acerca da História Oral a autora também informa que é cada vez mais comum o uso de entrevistas por profissionais que atuam nos meios de comunicação: emissoras de rádio e televisão, jornais e revistas. Aliás, há várias décadas, a mídia realiza enquetes e pesquisas de opinião. Na imprensa escrita, o trabalho de alguns jornalistas aproxima-se da História Oral.

Delimitando o tema e o problema da pesquisa este estudo define como objetivo conhecer a história dos professores leigos e sua contribuição à educação em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980. Para que seja possível cumprir seu objetivo adentramos na História da educação no Brasil e no Piauí, bem como da cidade de Monsenhor Hipólito-PI, assim como também em especificidades da História Oral.

O trabalho foi construído com a leitura de autores, como Michael Pollak (1992), Paul Thompson (1992), Sônia Freitas (2006), para que se pudesse falar de História Oral, metodologia utilizada para a construção do trabalho, assim como para falar de memória. Autores como Pablo Santos (2012) e Maria do Carmo Costa (2014) foram relevantes para falar da educação no Piauí e da História dos professores leigos, assim como para a contextualização de Monsenhor Hipólito-PI.

O trabalho foi dividido em dois capítulos. No capítulo 1 desse estudo, *A Cidade de Monsenhor Hipólito-PI:**formação e interseções entre educação e sociabilidades nas décadas de 1970 e 1980* apresenta um pouco da cidade de Monsenhor Hipólito-PI, espaço em que foi realizada a pesquisa. O capítulo traz a compreensão da importância de entender um lugar para as pessoas, para compreender como elas veem e significam um determinado espaço, de modo que o capítulo traz o conceito de *cidade* e sua construção histórica.

*A educação em Monsenhor Hipólito-PI: olhares diversos sobre a docência nas décadas de 1970 e 1980,* discute-se a educação na cidade a partir da perspectiva de sujeitos diversos que vivenciaram as especificidades da docência na época, que participaram diretamente desse cenário ou que o vislumbraram mesmo de longe, sendo contada a perspectiva de um morador da cidade, de um pai de aluno e de um aluno. Traz, também, as memórias dos professores que exerceram a docência no recorte temporal da pesquisa, trazendo à luz características e especificidades do ser professor nessa época, de seus desafios e possibilidades.

**2** **A CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO-PI:** formação e interseções entre educação e sociabilidades nas décadas de 1970 e 1980

Este capítulo apresenta um pouco da cidade de Monsenhor Hipólito-PI, espaço em que foi realizada a pesquisa. Entendemos que para a compreensão da importância de um lugar para as pessoas, para entender como elas veem e significam um determinado espaço é preciso conhecer o conceito de *cidade* e sua construção histórica.

Assim, o capítulo traz considerações tecidas por alguns autores com os quais vamos dialogar, como Marc Augé (2012), Michel de Certeau (2008), Sandra Jatahy Pesavento (2007), Raquel Rolnik (1988) sobre a ideia de cidade e sua construção e significação histórica. Marinêz Maria Oliveira (2016), Allysson Pereira Bezerra (2014) e Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012), para falar especificamente da cidade de Monsenhor Hipólito-PI, assim como também analisamos alguns relatos orais de moradores desta cidade, destacando suas vivências neste espaço e sua participação direta no processo de educação da urbe.

* 1. **As cidades: conceito e construção histórica**

Todas as sociedades possuem suas singularidades, características que são trazidas pelo transcorrer do tempo, pelo seu processo histórico, pela jornada de construção de identidade de seus moradores. A educação em Monsenhor Hipólito-PI é o foco desse estudo, mas ela não pode ser dissociada das especificidades da cidade e seu processo de desenvolvimento, considerando que o lar, o meio em que as pessoas se inserem também são espaços de aprendizagem e que não é somente a escola que toma para si essa responsabilidade.

Dessa forma, considerando que a escola é uma das instituições mais importantes que se desenvolveu nas sociedades e que tem tido a responsabilidade de formar integralmente o sujeito, interagindo com o espaço e tempo em que ele vive, esta parte de nosso estudo apresenta a construção histórica da ideia de *cidade*, para que possamos entender melhor o recorte espacial de nossa pesquisa.

Discutimos o conceito de cidade, pois é nesse espaço que a vida acontece, que se desenvolvem os sujeitos. Nesse espaço enfrentam as condições adversas. Certamente a urbe tem reflexos dentro da escola e traz ainda o fato de que a cidade não se constitui em campo neutro em relação à educação. Ela inspira e redimensiona as práticas de educação. É mais do que um espaço geográfico. As cidades têm essa conotação em relação à educação e junto à cultura também são alicerces das cidades, inferindo em suas características.

De modo que para debater a educação em Monsenhor Hipólito-PI mostra-se relevante conhecer aspectos da cidade para se compreender como um todo a dimensão do conceito e da construção histórica desta urbe, de modo que este tópico inicia-se por apresentar tais definições.

A cidade é um espaço que atrai os homens e onde eles desenvolvem suas histórias. As cidades têm seus espaços significativos e que acabam por se tornarem mais frequentados e significativos para seus habitantes.

A intenção deste tópico teórico é oferecer uma visão acerca de cidade, dada a sua importância para a projeção de acontecimentos. As cidades se formam do encontro de pessoas, do encontro de fé, de festas, de modo que a essência das cidades é seu caráter multicultural, onde a cidade é centro das relações e das práticas que a caracterizam. Dessa forma, autores como Sandra Jatahy Pesavento (2007), Raquel Rolnik (1988), Michel de Certeau (2008), dentre outros trazem o conceito de cidade, uma visão sobre o espaço urbano e como elas são importantes para a história e sua construção.

Assim, Raquel Rolnik (1988) define a cidade como um aglomerado de pessoas, como um coletivo. Sua definição não se mostra como tarefa fácil, devido às diferentes cidades que existiram ao longo do tempo. Antigamente, por exemplo, existiram cidades muradas e gigantescas, mas que sempre foram lugares que atraíram o homem, sendo lugar de concentração e lugar de reunião de pessoas, atraídos por um ímã que era o templo.

A cidade é pensada por Rolnik (1988) em quatro dimensões sendo que a autora a concebe como ***atrativa***, pois atrai as pessoas, com seu templo religioso, seus rios e demais aspectos a ela inerentes. A cidade é ***registrativa,*** ela aparece como escrita, como um grande alfabeto em que é possível escrever e reescrever palavras, bem como frases, assim como ***política***, pois a cidade é uma organização, ela organiza as pessoas para a vida coletiva, também é vista pela autora na dimensão de ***mercado***, pois traz a ideia de comércio, com suas feiras, com as divisões que nelas ocorrem e as funções que geram.

Na intenção de conhecer a cidade e compreender o modo de vida de seu habitante, Sandra Jatahy Pesavento (2007) define o *ser citadino* que implicou em formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra escrita ou falada, fosse pela música ou, ainda fosse pelas imagens que a representavam ou pela prática cotidiana, pelos rituais e pelos códigos de civilidade, considerando que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, o que possibilita criar outras tantas cidades.

Mas, sobretudo, a cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser citadino, portar um ethos urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam. Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos (PESAVENTO, 2007, p.11).

As afirmações de Pesavento (2007), acima citadas, dão a entender que a cidade é uma criação do homem e esse é movido sempre pela necessidade de (re)construção deste espaço de sociabilidades, de difusões culturais, de formas de comportamentos sociais, da maneira de vestir-se, de atuar no espaço social e tudo isso se encontra carregado de símbolos.

Já Roberto Lobato Correa (2000) concebe a cidade como um conjunto complexo de usos da terra. Uma organização espacial, que pode ser entendida como um espaço urbano e como tal é simultaneamente fragmentado e articulado, em que cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, mesmo que as relações aconteçam com intensidade variável. Este espaço urbano é um espaço capitalista e, assim, se mostra como fragmentado, articulado, permeado por símbolos e sendo campo de lutas e nela estão os agentes sociais que produzem e consomem o espaço, com ações bastante complexas. A ocupação dos espaços urbanos acontece de diferentes formas e produzem diferentes tipos de relações.

A cidade pode ser pensada também em meio à definição de *lugar*, como apontou Correa (2000), como espaço do acontecer histórico, sendo, assim, visto de dentro. O *lugar* pode ser considerado ainda como espaço da relação presente passado. O *lugar* é espaço do fazer cotidiano, no lugar está a cultura, a religião e tradição, além de outros elementos. O *lugar* é espaço que propicia a vida do cidadão, é o vivido, é o imediato, é múltiplo e por isso sua análise é difícil, sendo que produz a existência dos seres vivos.

Segundo Ana Fani Alessandri Carlos (2007), *lugar* é a base de reprodução da vida. Os bairros tornam-se espaço imediato das relações citadinas mais finas. Caminhar, encontrar a vizinhança, jogar bola, encontros corriqueiros e aparentemente sem sentido, mas que criam laços. Portanto, bairros, ruas, praças são espaços vividos, tornam-se espaços de comunicação, lugares de relações sociais, espaço de pertencimento e de identidade.

Michel de Certeau (2008) vê a cidade sob uma pluralidade de definições, apresentando um conceito operatório, que é criado por discurso urbanístico, produzindo um espaço próprio que não estabelece um tempo e que não acontece no mesmo tempo para criar um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade.

Certeau (2008) lembra, ainda, que a cidade é um conceito que se degrada, se deteriorando conforme tempo e procedimentos que as organizam, embora seja de difícil análise à situação, haja vista, as mudanças que ocorrem e abalam ideologias e lugares.

O conceito de cidade e sua construção histórica estão ligados às singularidades trazidas pelo tempo, também relacionado à construção da identidade do citadino. A discussão a esse respeito mostrou-se importante pelo fato de que a cidade é onde a vida acontece, pelo fato de que a educação também infere sobre as características da cidade. A cidade constitui-se em um espaço multicultural, obra máxima do ser humano, espaço de relação entre presente e passado. Por o estudo abordar as singularidades da construção histórica da cidade de Monsenhor Hipólito-PI, tornou-se relevante discutir a construção histórica de cidade em uma perspectiva geral.

* 1. **Monsenhor Hipólito-PI: a construção histórica da cidade e suas sociabilidades**

Monsenhor Hipólito-PI é um município brasileiro do estado do Piauí com uma população de 7.749 habitantes, (IBGE, 2020). Surgiu da antiga Fazenda Riachão. Vítor Avelino de Sousa Ferreira e Ana de Jesus Batista foram responsáveis por fundar a Fazenda Riachão, como moradores, que viria a ser o espaço de ocupação da cidade de Monsenhor Hipólito do Piauí. Foi no ano de 1956 que a fazenda Riachão foi elevada à categoria de cidade e recebeu então o nome de Monsenhor Hipólito, conforme a Lei nº 1445, sendo que sua instalação oficial ocorreu em 26 de julho de 1957. O nome da cidade foi uma homenagem a João Hipólito de Sousa Ferreira, que era filho do casal que fundou a Fazenda Riachão (BEZERRA, 2014).

A historiadora Marinêz Maria Oliveira (2016) endossa o conhecimento acerca da cidade de Monsenhor Hipólito-PI.

A antiga Fazenda Riachão deu lugar à cidade de Monsenhor Hipólito, conhecida como Baixios Piauienses. Localizada num grande vale de terras férteis, conta com o riacho cunhado de Riachão que divide a cidade ao meio e que emprestou este título ao primeiro nome da cidade. Vítor Avelino de Sousa Ferreira e Ana de Jesus Batista foram os fundadores e moradores da Fazenda Riachão que viria a ser o espaço de ocupação da cidade de Monsenhor Hipólito do Piauí. De acordo com Bezerra (2007) no ano de 1956 a fazenda Riachão foi elevada à categoria de cidade e recebeu então o nome de Monsenhor Hipólito, conforme a Lei nº 1445, o nome recebido adveio de uma homenagem a João Hipólito de Sousa Ferreira, um dos primeiros habitantes da cidade da antiga Riachão e também um dos primeiros padres da Região do Piauí, sendo que o mesmo havia sido ordenado no ano de 1907 (OLIVEIRA, 2016, p. 17).

Dessa maneira, a cidade de Monsenhor Hipólito nasceu da Fazenda Riachão em um vale de terras férteis que foi sendo ocupada e, no ano de 1956, foi elevada à categoria de cidade, recebendo então o nome de Monsenhor Hipólito-PI, homenageando um dos primeiros habitantes e padre da região, João Hipólito de Sousa Ferreira.

A cidade de Monsenhor Hipólito é assunto do estudo de Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012) que trata especificamente da educação na cidade nos anos de 1975 a 1998, portanto, é de grande importância na construção desse estudo. Segundo esse autor, no recorte temporal de sua pesquisa, os pais ainda contratavam professores que se deslocavam para a casa dos alunos para alfabetizar.

Segundo Samairkon Silva de Oliveira Alves (2011), no Piauí até 1950 havia um desinteresse do piauiense na educação. O que interessava era encontrar formas de migrar para o Sul devido a sua industrialização que oferecia trabalho. Muitas pessoas deixavam o Piauí em busca de oportunidades de emprego. Após 1950, no Estado do Piauí, segundo o referido autor, desenvolve-se o interesse pela educação das crianças, interligando com a lida na roça. Entretanto, as escolas eram insuficientes, o que levou muitos gestores municipais a contratarem professores leigos, para suprir a demanda. Ainda nesse momento era marcante o interesse das pessoas em migrar para o Sul em busca de melhores oportunidades de vida, mas aqueles que ficavam começaram a entender a necessidade de educar as crianças, interligando os estudos ao trabalho na roça.

Monsenhor Hipólito possui uma extensão territorial de 401, 433km² (IBGE, 2010). Na perspectiva de Miguel Joaquim Bezerra (2007) a cidade não tem vocaçãopara indústria, assim como não tem vocação para prestação de serviços. A cidade é agrícola desde sua fundação, permanecendo assim na contemporaneidade. O setor primário, as atividades agrícolas destacam-se como meio de sobrevivência da maioria de seus habitantes, produz feijão, arroz e atualmente se destaca na produção do caju. A atividade agrícola e a pecuária se destacam na atualidade. A cidade traz consigo uma forte marca religiosa, população predominantemente católica e devota de Santa Ana com uma capela construída no ano de 1907, que foi demolida em 1976 para construção da Igreja atual de Santa Ana.

Segundo Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012), a cidade ganhou destaque estadual e nacional nos anos 2000 devido à participação de uma aluna, em 2009, da Unidade Escolar Padre Cícero Romão Batista no quadro “Soletrando”, do Programa Caldeirão do Hulk, na rede Globo de televisão. A atuação da aluna trouxe notoriedade ao Estado, nesse período, criando expectativas de que a educação em Monsenhor Hipólito superava problemas e era capaz de atender aos anseios da população. No entanto, diante do destaque da aluna em um programa global revelava-se na cidade problemas educacionais envolvendo, sobretudo, a qualidade do ensino público ofertado, que são provenientes de seu processo histórico e ainda marcantes.

Assim, as décadas de 1950 a 1990 foram marcadas por práticas educacionais distintas, formal e informal e problemas educacionais eram vivenciados principalmente no meio rural. Vale ressaltar que em Monsenhor Hipólito, durante o recorte temporal apontado, o trabalho infanto-juvenil era uma forma de aprendizagem. As filhas aprendiam com as mães a serem donas de casa e o acesso à educação escolar mostrava-se uma realidade distante. Uma situação que precisa ser vista de maneira mais profunda.

A moradora da cidade de Monsenhor Hipólito, Maria das Graças dos Santos Bezerra Ribeiro Pinto (2021), que nasceu em 7 de julho de 1948, 72 anos, contribuiu com esta pesquisa buscando em suas memórias as características da cidade quando das décadas de 1970 e 1980. Assim como o que pode conhecer acerca da docência nesta época, de modo que nos ajudou a conhecer melhor essa realidade vivenciada na cidade com aquilo que sua memória guardou.

Sônia Freitas (2006) destaca que a memória é seletiva, produto de operação mental bastante complexa em que a seletividade e o esquecimento estão presentes no processo da memória. Existe a questão da memória individual e a memória coletiva, em que a reconstrução do passado envolve a integração do indivíduo em grupo social do qual compartilha experiências. Nesse sentido assevera:

A utilização do depoimento oral como fonte histórica nos impulsiona a uma reflexão sobre o fenômeno da memória em si. Memória, aqui entendida como propriedade de conservar certas informações, por meio de um conjunto de funções psíquicas e cerebrais. Nesse sentido, a memória – como produto de uma operação mental – é um mecanismo muito complexo, ainda hoje muito pouco conhecido, mesmo para as outras ciências que a ela se dedicam, tais como a Neurologia, a Psiquiatria, a Psicologia e a Psicanálise (FREITAS, 2006, p. 59).

Nesse contexto, a memória é a propriedade de conservar informações através de um conjunto de funções psíquicas. A memória não é algo simples, mas sim algo complexo ainda pouco conhecido, marcada pela seletividade e também pelo esquecimento.

Na memória de Maria das Graças dos Santos Bezerra Ribeiro Pinto, ela busca a cidade de Monsenhor Hipólito nas décadas de 1970 e 1980 e nos conta:

Como o espaço era pequeno não posso me prolongar, uma cidade pequena, não tinha muitas coisas, muitas opções, muito pouco lazer, apenas bares para dançar, festas e as quadrilhas em junho, o desfile de sete de setembro, também iam na praça, a praça atraia muito a gente nova. Não tinha quase emprego os jovens tinham que se deslocar para outra cidade a procura de emprego, porque a cidade não oferecia muitas oportunidades (Maria das Graças Pinto, 2021).

Maria das Graças dos Santos Bezerra Ribeiro Pinto é sucinta em suas palavras acerca da cidade de Monsenhor Hipólito. Já no início de sua fala avisa que não vai se prolongar, pois a cidade era pequena e não tinha muitas opções nem de lazer, nem de trabalho. Na fala da entrevistada, ela conta que os jovens se divertiam em bares, onde iam para dançar, em festas e destaca as quadrilhas no mês de junho, assim como o desfile de 7 de setembro e a praça que era um lugar que os jovens frequentavam para se divertir. Sobre as oportunidades de emprego conta que eram muito escassas na cidade e os jovens tinham que buscar em outro lugar, assim partiam para outras cidades.

Já Allysson Pereira Bezerra (2014), em seus estudos, aponta que Monsenhor Hipólito na década de 1980 tinha diversos espaços de sociabilidades, espaços destinados ao lazer, eram além da Igreja e da Praça Joaquim Bezerra, a Nascença, nascente de água, lugar de litigio entre Monsenhor Hipólito e Francisco Santos, lugar de formações rochosas, grandes paredões e a nascente, que atraia muitas pessoas na época.

Allysson Pereira Bezerra (2014) cita também o Morro da Cruz como um espaço de sociabilidades em Monsenhor Hipólito-PI nos anos de 1980. Era um ponto turístico para o qual as pessoas, principalmente as mais jovens, iam para ver o pôr do sol, conversar e paquerar, era um espaço próximo ao cemitério, onde também aconteciam celebrações. Os campos de futebol eram outro atrativo da cidade, assim como os clubes sociais, *Sawanna Club* e o *Skalla Club*, onde as principais bandas da região realizavam festas. Destacam-se também os bares como espaços de lazer na cidade nos anos de 1980, estes ficavam abertos e eram frequentados durante toda a semana, como exemplos desses bares, podemos citar Bar de Rogério, de Indalécio ou do Oásis.

Diante do exposto, podemos inferir que a cidade acompanha e é marcada pelo momento histórico que se vive, a situação de um povo. A cidade não é algo estático, ela muda conforme as configurações de um tempo. Na contemporaneidade, as cidades são marcadas pelo seu papel de desenvolvimento na economia, como espaço de lazer, de sociabilidades, de desenvolvimento político.

Allysson Pereira Bezerra (2014), ao fazer um estudo sobre os espaços de sociabilidade, em Monsenhor Hipólito, na década de 1980, destaca que na Praça Joaquim Bezerra se desenvolveram as mais variadas relações interpessoais, principalmente dos jovens, que eram quem mais frequentavam esses espaços.

Segundo Bezerra (2014, p. 13):

[...] percebemos que a Praça Joaquim Bezerra – o principal logradouro público da cidade de Monsenhor Hipólito – constituía um campo de atração dos jovens no espaço da cidade no período da década de 1980. Era nela onde se praticavam boa parte dos lazeres juvenis, desde o encontro com os amigos aos namoros nos bancos da praça.

A Praça Joaquim Bezerra até hoje constitui-se como o principal espaço público de Monsenhor Hipólito. Espaço de atração de jovens que lá praticavam os lazeres da juventude, era espaço de discussão, de comentar sobre o assunto do momento, a música do momento, local para desenvolver relações de amizades e os frequentes namoros que começavam e findavam nos bancos desse logradouro público.

Os estudos de Allysson Pereira Bezerra (2014) vêm de encontro com a fala de Maria das Graças dos Santos Bezerra Ribeiro Pinto que aponta a praça como um espaço de socialização em Monsenhor Hipólito na década de 1980, sendo um espaço de lazer para os jovens da época, um ponto de encontro.

Analete da Conceição Oliveira (2020) nos contou como era ser estudante na cidade de Monsenhor Hipólito-PI e suas demais vivências nessa urbe no período das décadas de 1970 e 1980:

A cidade de Monsenhor Hipólito era uma cidade pequena, simples, o movimento era pouco, estudar para a gente era uma atividade importante, junto ao trabalho na roça, em casa, fazia parte da nossa vida, mas a gente também queria alguma diversão, que era difícil na cidade, não tinha muita opção, quando a gente ia para escola, conseguíamos muitas vezes passar na praça, brincar um pouco lá, conversar com os colegas, era algo importante na cidade, era um momento importante ligado ao nosso estudo (Analete da Conceição Oliveira, 2020).

Analete da Conceição Oliveira nos traz um olhar sobre a cidade de Monsenhor Hipólito e a educação, a partir do desenvolvimento de sociabilidades, pois relata que quando iam para escola, muitas vezes uma atividade que acabava sendo incluída na trajetória, como um passeio, um momento de diversão, encontravam os colegas de escola e podiam conversar e brincar, ter um momento de descontração.

As praças constituem-se em importantes espaços nas cidades. Elas representam um espaço de construção de relações sociais. São marcantes nas estruturas urbanas de uma urbe, lugares onde se vivenciam a infância e a adolescência e que está presente na vida da maioria das pessoas.

Segundo Yokoo e Chies (2009, p. 1):

As praças, pois, são espaços livres, haja vista, nos dias de hoje serem vistas pela maioria das pessoas como espaços abandonados, de mendicância, ponto de drogas, e até mesmo de prostituição, restando para pequena parcela da sociedade alternativas de lazer, meditação, dentre outras atribuições relativas a este setor público que pertence a toda sociedade.

Desse modo, as praças são espaços de grande importância em uma cidade. Contudo, atualmente, como lugar livre tem sido abandonas e relegadas à mendicância, ponto de drogas e prostituição. Todavia, para muitas pessoas, elas ainda se apresentam como espaço de lazer do setor público e são lugares que pertencem, então, a toda sociedade, principalmente em cidades de pequeno porte, como é o caso de Monsenhor Hipólito.

Na cidade de Monsenhor Hipólito, da década de 1980 e 1990, a Praça Joaquim Bezerra era lugar muito frequentado e onde se desenvolveram muitas relações de amizade e amor. A praça era ponto de encontro e de grande importância para a sociedade da época.

A professora Anazilda Filha dos Anjos (2021), que nasceu no ano de 1965, exerceu o magistério em Monsenhor Hipólito na década de 1980. Em seu relato sobre a cidade em que vivia, suas condições, educação, também surge o espaço da praça, enquanto lugar importante para os estudantes que após as aulas se encontravam nesse espaço para brincarem, conversarem, mostrando como o lugar era significativo para as sociabilidades dos moradores de Monsenhor Hipólito:

Minha trajetória, nasci e cresci no interior de Monsenhor Hipólito, trabalhando no roçado com meus pais e meus irmãos meio período, ia pra escola, assim aprendi a ler e escrever, aos meus 21 anos casei e continuei trabalhando na roça e passei a estudar e me dediquei a família e filhos, como aprendi ler e escrever e as condições eram ruins na cidade, acabaram me chamando para ensinar e eu aceitei, a sala era pequena, eu gostava das crianças, naquela época era para elas estudar, ajudar a família na roça, brincar, que era uma coisa que faziam no terreiro de casa, na roça e na praça. A praça aqui de Monsenhor era um ponto de encontro, a praça Joaquim Bezerra, o nome em homenagem a um dos primeiros habitantes daqui da cidade do município, ela foi criada a data precisa eu não sei, mais em 1972, no segundo mandato do prefeito Manoel Alves Bezerra, conhecido como Né Bezerra, antes lá era um espaço que tinha um poço aonde as pessoas pegavam água para levar para suas casas. A praça era um ponto de encontro dos jovens estudantes, lugar de diversão, de paquera, lá eles dançavam a quadrilha, que as vezes era coisa da escola mesmo, eles também podiam assistir TV lá (Anazilda Filha dos Anjos, 2020).

Na concepção de Allysson Pereira Bezerra (2014), a Praça Joaquim Bezerra na década de 1980 era o espaço da cidade de Monsenhor Hipólito que mais atraia os jovens. Lugar principal de sociabilidades, com seu formato retangular, seus bancos simples e suas várias flores. Era lugar de calmaria e contato com a natureza, sendo bastante frequentada. Era espaço de vivências coletivas.

Assim, há certeza de que a Praça Joaquim Bezerra foi o principal espaço de vivências coletivas na cidade de Monsenhor Hipólito-PI, de sociabilidades, na década de 1980 e 1990, por isso, é importante lançar um olhar sob a mesma praça na atualidade.

A Praça Joaquim Bezerra foi muito frequentada nas décadas de 1980 e 1990, se constituindo no principal espaço de sociabilidades na cidade durante esse período.

Allysson Pereira Bezerra (2014, p. 28) traz à tona esse aspecto de ímã da juventude que foi a Praça Joaquim Bezerra na década de 1980:

O entorno da praça era formado pela igreja de Santa Ana, pelo mercado, por bares, lanchonete e por uma sorveteria. O que fazia com que ela fosse bastante frequentada diariamente pelos jovens da cidade, pois tanto crianças como jovens e adultos, saiam da referida igreja, iam lanchar, tomar refrigerante, sorvete, e com isso acabavam sempre frequentando aquele espaço de vivências coletivas. É interessante ressaltar o caráter de amizade das relações que eram desenvolvidas na praça, geralmente tida como um local para o encontro das turmas de amigos, que se reuniam no final da tarde ou à noite para conversar, brincar, contar piadas, debater sobre vários assuntos, entre outras atividades.

Desse modo, a referida praça tinha em seu entorno a Igreja de Santa Ana, mercado, bares, lanchonete e sorveteria e tudo isso ajudava para que ela fosse bastante frequentada, era um local onde turmas de amigos se encontravam e se reuniam no final de tarde ou noite. Desse modo, considerando a importância da praça nas décadas de 1980 e 1990, mostrou-se interessante observá-la como espaço da cidade de Monsenhor Hipólito atualmente, se ainda é espaço de vivências e sociabilidades.

Joana Lídia da Conceição, que foi funcionária de escola no período estudado, retratou em sua fala, a importância que a praça, enquanto espaço de sociabilidades tinha para os estudantes:

Alguns alunos que frequentavam a escola ficavam ansiosos pelo fim da aula, dava um pouco de trabalho aos professores, pois estavam querendo logo ir para a praça, lá tinha sorveteria perto, eles queriam um sorvete depois da aula, queria também ir lá brincar, correr um pouco com os amigos, brincar (Joana Lídia da Conceição, 2020).

Dessa forma, pelos trechos que podemos observar das entrevistas, em que os participantes trazem seu olhar sobre Monsenhor Hipólito, percebe-se que a praça da cidade aparece em seus relatos como um lugar importante para os alunos, que tinham um interesse de frequentar a escola e ter um momento de lazer, de sociabilidade na praça.

Podemos notar como as cidades são importantes na história, sendo estas locais de vivência e onde se desenvolvia o ser citadino. Dessa forma, como as cidades são constituídas de espaços de sociabilidades que atraem os homens, a fala dos entrevistados sobre a cidade traz a praça como local de sociabilidades dos alunos.

**3 A EDUCAÇÃO EM MONSENHOR HIPÓLITO-PI:** olhares diversos sobre a docência nas décadas de 1970 e 1980

A questão principal desse estudo diz respeito à história dos professores leigos de Monsenhor Hipólito-PI que são os personagens da história que se pretende contar e, para tanto, se fez uso não só de suas memórias, como também de outros sujeitos que estiveram presentes nesse contexto, sendo que suas memórias também colaboram para a construção desse estudo, através da História Oral. Assim, ressalta-se que a memória é uma fonte de saber, pois ela é “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419).

Conforme entende Jacques Le Goff (2003), a memória é uma das atividades fundamentais do indivíduo, bem como um elemento indispensável para a identidade individual e coletiva e que atualmente sua busca tem sido uma das principais atividades do homem. Podemos entender que a memória é de extrema importância para o desenvolvimento da história, sendo que a inexistência da memória impossibilitaria o desenvolvimento do conhecimento, e ressaltamos que Jacques Le Goff (2003) acreditava que a história se alimentava da memória, eis aí sua tamanha grandiosidade.

Nessa perspectiva, em que se concebe a importância da memória é que se compreende a adoção da História Oral como Metodologia, em que existem variados meios de se transmitir a memória, dentre eles a História Oral.

Para o historiador Paul Thompson (1992, p.14):

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádios ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história, um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Assim, o pensamento que Paul Thompson (1992) expõe acerca da História Oral nos possibilita a compreensão da importância dela em relação à forma como é utilizada, sendo entendida como um método eficiente para se realizar pesquisas nas mais variadas áreas.

Portanto, a fonte oral é de suma importância para a construção historiográfica permitindo maior conhecimento sobre um determinado assunto, em que os fatos históricos são contados pelos indivíduos que viveram o momento.

Nessa perspectiva, Janaina Amado e Marieta Ferreira (1998) apresentam a metodologia de História Oral como algo muito mais complexo e abrangente do que simplesmente uma técnica de entrevista. Ela tem seus objetivos próprios e para que ela se desenvolva bem é preciso que o processo seja organizado, selecionando a testemunha, o lugar da entrevista e o roteiro. Sendo que é preciso considerar o bem-estar do entrevisto, não o colocando em situações que possam o perturbar ou o confundir. É preciso ouvi-lo atentamente, conhece-lo e respeitá-lo.

Nesse contexto, para conhecermos acerca da história da docência de professores leigos em Monsenhor Hipólito-PI recorremos à memória de sujeitos que vivenciaram as décadas de 1970 e 1980, que se dispusessem a buscar em suas memórias fatos relevantes sobre o período e que nos ajudassem a compreender melhor como era o trabalho desses professores nas referidas décadas.

Convém ressaltar que a História Oral ainda gera debates e divergências, mas que a vitalidade desse campo é inquestionável. Utilizar a História Oral amplia conhecimentos, possibilitando a relação entre História e memória, assim como de imaginários e mentalidades individuais (AMADO; FERREIRA, 1998).

A História Oral foi utilizada para que fosse possível saber mais acerca da educação, pois esta é algo de grande valor na sociedade e que passou por diversos momentos no Brasil, sendo que a maneira como ela se apresenta na atualidade é reflexo daquilo que foi vivenciado ao longo de um percurso histórico, com suas marcas e peculiaridades.

Nesse processo de conhecimento histórico da educação em Monsenhor Hipólito-PI as principais fontes do estudo foram os relatos de pessoas que estiveram envolvidas de alguma forma na educação no período do recorte temporal.

**3.1 A docência em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980 na memória de sujeitos inseridos na trama histórica da educação**

A educação formal no Brasil advém de um longo processo histórico. Em uma perspectiva histórica, percebe-se que nem todos tiveram acesso à educação, que esta foi um processo desigual e que por muito tempo foi privilégio das elites. Assim, temos momentos distintos da educação no Brasil, conforme os momentos históricos que o país vivenciou.

No período colonial, quando da chegada dos portugueses no Brasil, segundo o filósofo Paulo Ghiraldelli Jr (2009), a educação escolar esteve a cargo dos jesuítas e é preciso ressaltar que a educação começou a se desenvolver muito tardiamente no Brasil, o processo educacional só se iniciou cinquenta anos após os portugueses aportarem no Brasil. A educação foi imposta por Portugal.

No período Imperial, o filósofo Laerte Ramos de Carvalho (1972, apud PERES, 2006) traz as seguintes considerações acerca da educação escolar:

Tornava-se necessário dotar o país com um sistema escolar de ensino que correspondesse satisfatoriamente às exigências da nova ordem política, habilitando o povo para o exercício do voto, para o cumprimento dos mandatos eleitorais, enfim, para assumir plenamente as responsabilidades que o novo regime lhe atribuía. Esta aspiração liberal, embora não consignada explicitamente na letra da lei, conquistou os espíritos esclarecidos e converteu-se na motivação principal dos grandes projetos de reforma do ensino no decorrer do Império (CARVALHO, 1972, apud PERES, 2006, p. 1).

Assim, o estudo do referido autor serve ao propósito de mostrar as características de educação no Brasil Império, que se refere ao fato de ser liberal e totalmente desorganizada. O Brasil tentava desvincular-se do monopólio jesuíta na educação, porém mesmo após a expulsão deles, após um período de 200 anos.

O Sistema Ratio Studiorum, plano da Companhia de Jesus, dos jesuítas, permanecia no Brasil Império e visava a formação do cidadão cristão. De acordo com o ideário de fé e cultura do período, o ensino escolar era destinado para as pessoas mais ricas. Aquelas que não tinham condições, que não pertenciam à elite, não tinham acesso à educação escolar.

Já no período republicano, apresenta-se o estudo da historiadora Viviane Souza de Oliveira (2012) e seus colaboradores:

Coube à educação esclarecer à população, seus direitos e deveres, assim como o direito ao voto. A educação, portanto, neste período era o instrumento de ascensão social do indivíduo que vivia à margem da sociedade, mas também foi o instrumento de busca de ascensão do poder da burguesia. Esse fenômeno que começou a usar a educação como instrumento de “conscientização” e da busca em formar o “cidadão votante” foi caracterizado por Jorge Nagle de entusiasmo pela educação [...] com o surgimento de movimentos ideológicos no Brasil, o entusiasmo pela educação começa a ganhar forças. No período do entusiasmo pela educação a escola é posta como instrumento de participação política, isto é, pensava-se a escola com uma função explicitamente política. O uso da palavra se refaz, gradativamente, na luta pela hegemonia da burguesia urbana – industrial (OLIVEIRA, et al, 2012, p. 4).

Vários métodos de ensino foram tentados no Brasil republicano, foi um período de debate acerca da educação e de otimismo pedagógico. Contudo, as medidas, de fato aplicadas, foram dispersas e sem bons resultados. O Brasil, contudo, se tornava mais urbano e, no governo de Getúlio Vargas, na década de 1930, criou-se o Ministério da Educação e Saúde Pública.

De acordo com a historiadora Maria do Carmo Rodrigues Costa (2014), o ideário liberal pregava que todos deveriam ter chances iguais no âmbito da educação, que a sociedade seria democratizada por ela e deveria ser ainda leiga, humana e gratuita.

No período republicano tivemos momento de vivenciar a educação enquanto instrumento de conscientização para a formação de um cidadão que votasse pensando na política, essa educação tinha função política.

Não obstante, pensando a educação no Brasil e aproximando-se mais de nossa realidade, observamos que a educação no Piauí acontecia com a atuação dos professores leigos, desde o século XIX, devido às dificuldades de frequentar a escola pela população da região. Sobre o assunto Maria do Carmo Rodrigues Costa (2014, p. 22) comenta:

A educação brasileira estruturava-se apenas para os grandes proprietários. Dentro da organização social consistia na predominância de uma minoria de donos de terra e senhores de engenho, sobre um contingente de agregados e escravos. A educação escolar era, assim, garantida apenas para a classe abastada da sociedade, e mesmo assim, em um número pequeno, pois estavam excluídos desse contexto, as mulheres e os filhos primogênitos, eles deveriam encarregar-se da direção dos negócios de seus. Sendo assim, a escola só era frequentada pelos filhos homens mais novos, que recebiam apenas, uma educação escolar simples, que os preparava para assumir a direção da família, bem como dos negócios, desse modo era reduzido o número de pessoas que adquiria escolarização.

A educação escolar no Piauí, no século XIX, assim como no restante do Brasil era para poucos. Apenas as classes mais abastadas podiam frequentar a escola, um número pequeno de pessoas no Piauí frequentava a escola. As mulheres não frequentavam a escola, eram criadas para o serviço no lar, os filhos primogênitos também não, eles deveriam cuidar dos negócios da família. Havia um atraso na educação escolar piauiense.

Nesse contexto da história piauiense, no século XIX, de atraso na educação e de dificuldades, formas de ensino alternativas eram postas em prática, paralelas ao ensino formal. Vale ressaltar que as regiões do interior (Zona Rural) estavam distantes das escolas disponíveis no centro das cidades e, por isso, muitas crianças deixavam de frequentar essas instituições. Costa (2014) complementa a respeito dos professores ambulantes que eram, para muitos, a única oportunidade de educação e que foram marcantes em várias cidades do Piauí:

Uma das formas alternativas de ensino se dava através da contratação de professores ambulantes, por parte dos grandes fazendeiros que contratavam esses professores, para alfabetizar seus filhos nas próprias fazendas. Nessa forma alternativa de ensino algumas vezes os agregados e filhos de escravos aprendiam a ler e escrever, apenas observando as aulas. (COSTA, 2014, p. 23).

Essas formas alternativas de educação escolar continuaram no século XX em todo o Brasil incluindo a cidade de Monsenhor Hipólito no estado do Piauí nas décadas de 1970 e 1980.

A Educação em Monsenhor Hipólito é compreendida através dos relatos de sujeitos que vivenciaram as particularidades dela no período do recorte temporal da nossa pesquisa. Portanto, a memória deles é responsável por nos permitir discutir o passado e observar condições existentes nele.

A historiadora Sônia Maria de Freitas (2006) destaca que a memória é seletiva, produto de operação mental bastante complexo e que a seletividade e o esquecimento estão presentes no processo da memória. Existem a memória individual e a memória coletiva. A reconstrução do passado envolve a integração do indivíduo ao grupo social do qual compartilha experiências. Nesse sentido assevera:

A utilização do depoimento oral como fonte histórica nos impulsiona a uma reflexão sobre o fenômeno da memória em si. Memória, aqui entendida como propriedade de conservar certas informações, por meio de um conjunto de funções psíquicas e cerebrais. Nesse sentido, a memória – como produto de uma operação mental – é um mecanismo muito complexo, ainda hoje muito pouco conhecido, mesmo para as outras ciências que a ela se dedicam, tais como a Neurologia, a Psiquiatria, a Psicologia e a Psicanálise (FREITAS, 2006, p. 59).

Nesse contexto, a memória é a propriedade de conservar informações através de um conjunto de funções psíquicas. A memória não é algo simples, mas sim algo complexo, ainda pouco conhecido, marcada pela seletividade e pelo esquecimento.

Segundo Ecléa Bosi (2007), os velhos eternizam memórias e lembranças, sejam elas pessoais, de um tempo, de um lugar, de pessoas ou de objetos. Geralmente o fenômeno da memória pode ocorrer de forma única e particular em cada indivíduo, evidenciando que a narração das experiências por si próprias vividas é o modo mais assertivo de descrever e de fazer memória.

Com foco em estudar a educação escolar em Monsenhor Hipólito-PI, convém ressaltar que os sujeitos da pesquisa contaram um pouco de sua história e de sua relação com a educação, o que suas memórias guardam acerca da docência, do trabalho dos professores, o que foi marcante a ponto de suas memórias guardarem tais acontecimentos. Nesse sentido, analisamos o que ficou gravado na memória de morador, funcionário, pai e aluno acerca da docência em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980.

Nessa perspectiva, o sociólogo Michael Pollak (1992) argumenta que os acontecimentos, personagens e lugares que são conhecidos de forma direta ou indireta podem fazer parte de algo real, sendo empiricamente fundamentado em fatos concretos ou, simplesmente, se tratar de uma projeção de eventos. Nesse sentido, Michael Pollak (1992) avalia, após relatar experiências distintas com entrevistas, que se pode ter o primeiro fenômeno da memória, ela é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado.

Na mesma perspectiva, Michael Pollak (1992) ressalta que a memória é um fenômeno construído, sua construção pode tanto ser consciente, quanto inconsciente, tudo que ela grava e exclui faz parte de seu trabalho de organização. Outro fenômeno da memória é que esta é constituinte do sentimento de identidade, individual ou coletiva, ela é um fator de suma importância no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo e a reconstrução de si.

Buscando na memória dos sujeitos o que pudessem retratar sobre educação, docência em Monsenhor Hipólito-PI, Dona Maria das Graças Bezerra Ribeiro Pinto (2021) conta um pouco de seu percurso escolar:

Iniciei estudando em Monsenhor Hipólito, depois fui para Picos em seguida para Teresina, terminando, voltei para Monsenhor Hipólito e logo comecei a trabalhar. Da educação em Monsenhor Hipólito em 1970 e 1980 lembro muito, mas vou falar que as escolas participavam do desfile de 7 de setembro. Os pais eram muito preocupados com a formação dos filhos. O trabalho dos professores foi muito importante, com os professores os que não podiam estudar fora, chegou a oportunidade. O ensino era diferente, antigamente os alunos eram mais interessados, respeitava os professores, atualmente os alunos têm mais oportunidade e pouco interesse (Maria das Graças dos Santos Bezerra Ribeiro Pinto, 2021).

Na fala de Dona Maria das Graças Bezerra Ribeiro Pinto (2021) percebe-se que ela teve que buscar oportunidades de ampliar os estudos fora de Monsenhor Hipólito, estudou em Picos-PI e até mesmo na capital do Estado do Piauí, Teresina, pois as oportunidades de estudar na cidade nas décadas de 1970 e 1980 pareciam ser escassas.

Observando a fala de Dona Maria das Graças Bezerra Ribeiro Pinto, temos as considerações da mestra em Ciências Sociais e doutora em educação Ana Paula Corti (2016) que avalia, no tocante à educação brasileira nas décadas de 1970 e 1980, que a década de 1970 foi um período em que começou a surgir mais oportunidades de estudo no Brasil, mais matrículas foram realizadas. Contudo, a década seguinte, 1980, foi um período em que se constatou uma diminuição na oferta de ensino no país e, consequentemente, a redução do número de matrículas.

Com o estudo de Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012), podemos constatar que a cidade de Monsenhor Hipólito-PI, nas décadas de 1970 e 1980, contava com 22 escolas rurais, que eram na verdade casas com um ou dois cômodos, que serviam como espaço escolar, enquanto a sede do município contava com algumas poucas escolas. A instalação do curso ginasial, na cidade de Monsenhor Hipólito, ocorreu em 1975 através da CNEC (Campanha Nacional de Escolas na Comunidade) por intermédio do então prefeito Virgílio de Sá Bezerra, pois, até então, o município só dispunha de ensino Primário.

De acordo com Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012), que analisou o ensino em Monsenhor Hipólito-PI nos anos de 1975 a 1998, a educação na cidade era precária. Era comum pais contratarem professores que se deslocavam para a casa dos alunos para alfabetizar. Essas décadas foram marcadas por práticas educacionais distintas, formal e informal. Os problemas educacionais eram vivenciados principalmente no meio rural, sendo que em Monsenhor Hipólito, durante o recorte temporal apontado, o trabalho infanto-juvenil era uma forma de aprendizagem. As filhas aprendiam com as mães a serem donas de casa e o acesso à educação escolar mostrava-se uma realidade distante, uma situação que precisava ser vista de maneira mais profunda.

Segundo Elisangela Barbosa Cardoso (2012), havia uma visão distinta acerca de meninos e meninas no Piauí nos séculos XIX e XX, sendo que o pensamento dominante era de que o sexo masculino é que deveria estudar, pois os livros lhe caiam bem, e as meninas deveriam aprender somente as funções básicas de ser dona de casa. Essa situação gerava prejuízos na vida das mulheres que, sem estudos e detentoras de pouco conhecimento, se envolviam com os afazeres do lar e não restavam muitas alternativas a não ser o casamento ou o trabalho doméstico.

O Senhor José Geraldo de Oliveira (2020), que nasceu no ano de 1953, agricultor em Monsenhor Hipólito-PI vivenciou as particularidades da educação na cidade nas décadas de 1970 e 1980. Ele, enquanto pai de alunos, contou um pouco de sua história e da trajetória escolar de seus filhos.

A construção da família é um romance grande, a história que eu conto é que foi começada com muita dificuldade, num interior sem água, as coisas era difícil, não era fácil, a possibilidade de água que eu achava mais difícil, para enfrentar foi a dificuldade da água, para criar família no interior sem ter água perto não era fácil, mas nós enfretemo com coragem com a ajuda de Deus, mas não foi fácil, tinha seis filhos fora os que morreram. A escola era perto de casa, foi boa. A escola era pertinho de casa, para eles era bom, a vantagem que não caminhava, um quiseram estudar, outros não quiseram porque quando terminou lá que passou para cidade, Laécia largou, Laene largou, Leonizia foi para o Ceará e continuou lá, Ana foi para o Maranhão e continuou, e aqui Laécia largou e Laene largou e Zé Filho largou lá pela serra mesmo, não quis mais estudar não e foi o que fiquei mais preocupado porque não era para ter largado não, para ter feito ao menos o ensino médio, fiquei preocupado nessa parte, a escola era pertinho, mas ele desistiu não queria estudar, queria era trabalhar na roça, achou que era mais futuro, aí era problema dele, não foi eu não, já com 16 anos, 17 (José Geraldo de Oliveira, 2020).

O Senhor José Geraldo de Oliveira retrata as dificuldades que vivenciou para criar seus filhos no interior com a ausência de água, que dificultava sua vida, com esposa e filhos. Nesse cenário, ele fala da educação dos filhos, que estudavam no interior, mas que tiveram que passar a estudar na cidade. Assim, alguns de seus filhos abandonaram os estudos, o que trouxe preocupações ao Sr. José Geraldo. Contudo, aceitou a vontade do filho Zé Filho, em seguir o rumo da agricultura.

A vida, segundo o Senhor José Geraldo de Oliveira (2020), não foi fácil, que nasceu em 1953 e na década de 1970 estava a construir sua família em uma situação bastante difícil, vivendo da agricultura no interior, sem água encanada, enfrentando as dificuldades para criar seus filhos através do seu trabalho na roça.

Embora, na memória do Senhor José Geraldo de Oliveira (2020) apareçam momentos de dificuldades ele não parece olhar para esse momento com ressentimento. Bresciani e Naxara (2001) ressaltam que existe uma questão sensível envolvendo memória e ressentimento, que diz respeito a um sentimento negativo, de mágoa, dor ou pesar, uma dor do passado que aparece na construção voluntária de memórias. Ainda que Senhor José Geraldo de Oliveira não olhe para as dificuldades vivenciadas com ressentimento, essa situação foi motivo para que ele buscasse por mudanças, uma delas foi a educação de seus filhos, ainda que fosse intercalada com o trabalho na agricultura, que era fonte de sobrevivência na zona rural.

Segundo Miguel Joaquim Bezerra (2007), Monsenhor Hipólito desde sua fundação aos dias atuais sobrevive praticamente da agricultura, de modo que na década de 1970 esta característica era marcante, estando o homem ligado à terra, principalmente ao plantio de feijão, mandioca e milho, sendo que as terras férteis colaboravam também para a criação de gado.

Nesse contexto, o Senhor José Geraldo de Oliveira (2020) falou que a escola era perto de sua casa, o que era muito bom para que seus filhos pudessem frequentar. Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012) fez saber que escola como essa que o Senhor José Geraldo de Oliveira menciona eram escolas rurais, que na verdade era uma casa de um ou no máximo dois cômodos, escolas que ofertavam um conhecimento bastante limitado, através das aulas dos professores leigos.

O Senhor José Geraldo de Oliveira (2020), conta que se esforçou para que seus filhos estudassem, mas que um deles preferia a atividade na roça, estava acostumado a trabalhar, preferindo a labuta da agricultura. O Senhor José Geraldo de Oliveira conta que não quis obriga-lo a estudar. Para Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012), era comum que os pais não se importassem com a educação escolar de seus filhos, principalmente das filhas, de modo que os filhos acabavam não frequentando a escola e ficavam em casa para aprender o ofício dos pais. Contudo, o Senhor José Geraldo de Oliveira expressa satisfação com o estudo dos filhos e lamenta não ter podido fazer mais por aquele que não quis estudar.

Há aqui uma clara relação entre as dimensões econômicas, políticas, sociais e a educação. A pobreza se relaciona intimamente com a falta de acesso à educação. Muitas pessoas deixavam de frequentar a escola por falta de condições, pela distância das escolas, por terem de trabalhar para prover o sustento da família ao invés de frequentarem a escola.

Segundo Maria Helena de Paula Brito, Neivaely Aparecida de Oliveira de Arruda e Humberto Silvano Herrera Contreras (2015), pobreza e escola têm uma relação íntima, as condições sociais interferem nas condições de aprendizagem escolar, do próprio acesso à escola. Os problemas educacionais se relacionam muito com as especificidades de cada região, com a ausência do governo em relação a melhorias no campo da educação, em buscar oferecer a sua população melhores oportunidades de estudo, isso possibilitaria diminuir as desigualdades sociais e romper a herança de pobreza de muitas famílias.

A vida do Senhor José Geraldo de Oliveira (2020) foi de dificuldade diante das condições que sua vida no campo lhe apresentou. Mas ele buscou educar seus filhos, enfrentando adversidades, busca trazer um pouco do que vivenciou com a educação dos filhos, de como era o trabalho do professor, de como participava da educação de seus filhos.

Lá não era muito boa a aprendizagem, porque lá naquele tempo era muito difícil, um professor para ensinar 30, 40 alunos, todas as matérias não era fácil, eu não boto nem tanto a culpa no professor, eu achava um pouco difícil, que tinha que ser cada professor ensinar uma matéria, aí ficava difícil para eles, aprenderam um pouco, naquele período era desse jeito mesmo, não boto tanto a culpa no professor. Participava das reuniões, participei um pouco delas, minha relação com os professores era muito boa, sempre dizia assim que todos os pais de alunos que tivesse lá fosse da compreensão minha, precisasse tivesse presente como eu, era muito bom, porque tinha uns pais que disse que era muito ignorante, que chegava lá com ignorância, culpando só os professores, e eu não chegava e conversava o que era preciso entendia o lado dos professores, e não dava apoio a menino, a aluno que fazia coisa errada, os professores sempre me gabava muito nessa parte. Pediam ajuda que todos os pais tivessem mais ordem com os filhos, mais orientação, para obedecer mais a eles, que tinha uns que não obedecia, aí eles pediam muito ajuda e os que dizia a mim dizia aos outros (José Geraldo de Oliveira, 2020).

O Senhor José Geraldo de Oliveira (2020) ressaltou que apenas um professor cuidava de uma turma grande de alunos e que tinha que ensinar todas as matérias, o que se tornava um trabalho difícil. Ele fala de uma relação de parceria com os professores, de participar de reuniões, enquanto alguns pais não cooperavam com os professores. Ele conta que sempre buscou ser presente na orientação dos filhos.

Na fala do Senhor José Geraldo de Oliveira (2020) ele mostra seu apoio aos professores. Afirma que sua parte na educação de seus filhos ele cumpria, se fazendo presente nas reuniões escolares, e, sendo bem recebido pelos professores. Como ele ressalta, eles gabavam o apoio que recebiam dele enquanto pai, pois procurava não apoiar os erros dos filhos, mas corrigi-los.

A ajuda que os professores pediam aos pais era que estes fossem mais presentes junto aos seus filhos, pois era preciso colocar ordem neles, para que obedecessem ao professor. Assim, o Senhor José Geraldo de Oliveira (2020) sempre orientava seus filhos a obedecerem aos seus professores, era um pedido que os professores faziam a ele e aos outros pais, mas nem todos atendiam a esse pedido.

Pablo Marcel Bezerra dos Santos (2012) destaca que muitos pais eram ignorantes e não conseguiam dar apoio aos filhos nos estudos. Além do fato de muitos não valorizarem a educação, sendo que incentivavam seus filhos a trabalharem, acreditavam que era melhor estes estarem imersos no trabalho doméstico ou na roça do que estarem estudando.

Maria do Carmo Costa (2014) ao ressaltar as particularidades da educação no Piauí no século XX mostra que esta não era para todos. Uma característica que vinha desde o início do ensino no Brasil, era para poucos, apenas as classes mais abastadas podiam frequentar a escola, um número pequeno de pessoas no Piauí frequentava a escola. As mulheres não frequentavam a escola, eram criadas para o serviço no lar, os filhos primogênitos também não, eles deveriam cuidar dos negócios da família. Havia um atraso na educação piauiense.

Diante dessas considerações, o Senhor José Geraldo de Oliveira (2020) relatou ainda sobre os professores e os conhecimentos que estes repassavam para seus alunos, sobre os problemas vivenciados para possibilitar a educação de seus filhos e se sente satisfeito com a educação que estes receberam.

Acho que merecia ser mais, mas se as matérias como falei, era daquele jeito, não tinha professor suficiente para cada matéria um professor, aí acho que eles fizeram o que puderam, a parte deles eles fizeram, não boto culpa nos professores. Trazia tarefa para fazer em casa, o que eu mais ajudava era na matemática, os outros eu era com Neta, na matemática era o que eu mais ajudava, passava a lição da matemática, multiplicação, tabuada, ajudava a fazer uma conta, ajudava. Naquele tempo a dificuldade de povo do interior, era tudo difícil, a vista hoje né, quando foi passar para estudar aqui na rua, a gente sem condição, destacar para ir para rua, renda pouca, passou a estudar aqui, depois em Picos, foi difícil, para estudar sem ter um salário para ter só renda de roça, só teve um que enfrentou fez vestibular passou e fez universidade, se as outras tivesse enfrentado a dificuldade era ter dado mais a uma ou duas. Sinto, porque o que já falei não sinto mais satisfeito porque um não aprendeu nada, mas foi problema dele, se tivesse aprendido mais com os outros eu ficava mais satisfeito, todos eles sabem muito ou pouco, mas se dirige, dá para se dirigir, não são analfabetos, só tem o menino que ficou quase analfabeto. Acho que o trabalho dos professores foi importante, foi se daquele tempo era de pouco, o professor de lá nenhum deles era formado, para ensinar no interior eles eram capaz, era capacitado para ensinar, o que eles sabiam, eles passam para os alunos, e aí de lá encaminhou, todos vieram de lá, vieram com boas notas, nenhum foi reclamado, não era formado, alguma falta não era por causa deles, mas pelo saber deles que não era suficiente (José Geraldo de Oliveira, 2020).

Na concepção do Senhor José Geraldo de Oliveira (2020) os professores fizeram o que era possível em relação à educação dos seus filhos. Ele acredita que a aprendizagem poderia ter sido melhor, mas que os professores eram poucos para ensinar tantas disciplinas e que também tinham pouco conhecimento, assim repassavam o que sabiam. Os professores não eram formados, mas considerando a trajetória de seus filhos Senhor José Geraldo de Oliveira sente que foi satisfatório o ensino que receberam.

O Senhor José Geraldo de Oliveira (2020) conta como tudo era difícil na vida no interior. A falta de condições para que sobrevivessem era um indicativo das dificuldades que passavam para que os filhos pudessem estudar, sem um salário, sustentando-se e a sua família através da agricultura era difícil mandar os filhos para escola, perder mãos de obra na roça, além das dificuldades com o transporte quando esse ensino não era mais próximo de sua moradia.

Contudo, Maria do Carmo Rodrigues da Costa (2014), ressalta que mesmo diante das labutas diárias, das dificuldades do povo do interior, zona rural, em mandar as crianças para escola, muitos pais sonhavam em ver seus filhos alfabetizados e por isso enfrentavam os desafios de buscar educação para seus filhos.

O Senhor José Geraldo de Oliveira (2020) conta que se sente satisfeito com a instrução de seus filhos, avalia que os professores não sabiam muito, pois tinham que lecionar várias disciplinas para os alunos, mas sempre ensinavam o que sabiam e a instrução que deram aos seus filhos foi suficiente para que eles fossem encaminhados para outros níveis escolares, assim como para que não fossem analfabetos.

Maria do Carmo Rodrigues da Costa (2014) fala acerca desses professores com pouca instrução na década de 1970 e 1980, mas que estavam dispostos a ensinar o que sabiam. A autora conta que os pais davam consentimento ao trabalho desses professores, inclusive até o uso da palmatoria. Os pais eram pessoas pobres e entendiam o trabalho dos professores em sua precariedade, sabendo que atuavam em condições difíceis, mesmo que houvesse escolas na cidade, que os professores fossem mais qualificados os pais não tinham condições de manda-los para as escolas.

Maria do Carmo Rodrigues da Costa (2014) fala mais um pouco de professores que não tinham formação, os professores leigos, que eram alternativas para uma educação precária no Piauí, pessoas de pouca instrução, mas que encontraram meios alternativos de ensinar. Em suas casas ministravam aulas, com todas as dificuldades encontradas e com toda simplicidade que possuíam promoveram a alfabetização de crianças que estavam longe da escola, com estrutura física adequada, mas que encontravam as casas-escolas, a casa do seu professor e sua escola. Pais e alunos, nessa perspectiva, tinham que se satisfazerem com a pouca escolaridade dos professores, que somente possibilitavam o aprendizado das primeiras letras. Para melhor conhecer essa história da educação em Monsenhor Hipólito-PI, também buscamos ouvir uma aluna, Analete da Conceição Oliveira (2020), que estudou nas décadas de 1970 e 1980, buscando ver a educação através do olhar dessa aluna, do que sua memória, guardou, selecionou como importante dessa vivência.

Trabalhar com a memória dos sujeitos é uma característica da História Oral que tem possibilitado a construção de pesquisas diversas e trazido à tona vozes de diferentes sujeitos envolvidos em um acontecimento. Michael Pollak (1992) acredita que memória *a priori* parece ser um fenômeno individual e íntimo da pessoa, mas o sociólogo Maurice Halbwachs a entendeu, também, como um fenômeno social e coletivo, construído e que passa por mudanças. Em que é preciso considerar que mesmo flutuante e mutável a maioria das memórias conta com marcos ou pontos que são relativamente invariáveis, alguma lembrança, algum fato na vida que é contada que é invariante.

Outro ponto da discussão de Michael Pollak (1992) avalia os elementos que são constitutivos da memória, a individual e a coletiva, e ressalta que em primeiro lugar são os acontecimentos vividos pessoalmente, em segundo os acontecimentos que ele chama de vividos por tabela, ou seja, acontecimentos vividos em grupo, pela coletividade, em que as pessoas talvez nem tenham participado, mas o imaginário torna quase impossível saber se ele participou ou não.

Segundo Michael Pollak (1992), além desses acontecimentos a memória é constituída por pessoas, personagens, além dos acontecimentos e dos personagens pode-se citar também os lugares. Locais longínquos fora do espaço tempo-vida da pessoa podem constituir importante memória de grupo. A História Oral é um tipo de fonte que permite a inserção do indivíduo e o resgate como sujeito no processo histórico e feitos de seu tempo com base nas suas memórias.

Nessa perspectiva, Maurice Halbwachs (2006) apresenta a memória como uma reconstrução do passado, construída por grupos sociais que definem o que é memorável e tendem a lembrar o que não viveram diretamente. A memória é de grande importância para o desenvolvimento da história, sendo que se a memória não existisse seria impossível o desenvolvimento do conhecimento. No entanto, recordar o passado não é uma atividade fácil, a memória é seletiva, escolhe-se o que se quer lembrar.

Nesse contexto de História Oral, de memória e de sua importância para que se desenvolva a história na atualidade, recorremos à aluna durante nosso recorte temporal e que nos ajuda a conhecer mais sobre a educação em Monsenhor Hipólito-PI.

Analete da Conceição Oliveira (2020), que nasceu em 1975 pode vivenciar as peculiaridades da educação hipolitana, nascida e crescida na roça, trabalhando e estudando, aos 16 anos foi estudar em outra cidade e retornou a Monsenhor Hipólito formada, onde construiu sua família. Ela contou um pouco sobre sua trajetória escolar quando ainda morava no interior de Monsenhor Hipólito e frequentava uma simples escola rural:

Minha trajetória escolar foi um pouco difícil, porque era para trabalhar na roça e estudar e ajudar em casa a minha mãe, tive que sair da casa de meus pais para morar com meus tios, sofri morando nas casas alheias, porque tinha que trabalhar e estudar, trabalhava de dia e estudava de noite. Os primeiros anos foi na zona rural, trabalhava na zona rural e estudava na escola da zona rural, próxima de casa, estudei de manhã e de tarde. Os professores, na grande maioria eram leigos, na época eram professores leigos não tinha tanta formação, na forma de ensinar não tinham recursos pedagógicos, que naquela época era muito difícil, só tinha livro, quadro e giz. Era uma forma mais grosseira e diferente da forma atual. A minha relação com os professores era boa, até porque eu era achada como uma aluna boa, sempre tinha uma professora que dizia que eu tinha que estudar porque eu era uma menina esperta, ativa e eu ia conseguir alguma coisa. Meus pais eram próximos dos professores, a maioria dos professores eram da comunidade, eram parentes e eles tinham contato sim, meus pais com os professores (Analete da Conceição Oliveira, 2020).

Dona Analete da Conceição Oliveira (2020) lembra que o seu período de estudos foi difícil, pois tinha que conciliá-lo com o trabalho, relata que os professores eram leigos em sua maioria, não tinham formação, assim como também não tinham recursos para trabalhar, mas incentivam seus estudos e eram comunicativos com seus pais.

Tonny César Barbosa da Silva (2012) estudou a história da cidade de Dom Expedito Lopes e trouxe algumas considerações sobre a educação nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Assim, afirma que uma realidade da educação do Piauí, nesse período era a presença de mão de obra desqualificada, sendo o ensino responsabilidade de professores leigos. A realidade das cidades do Piauí era um desenvolvimento lento do ensino.

Dona Analete da Conceição Oliveira (2020) mencionou que os professores eram leigos e que atuavam com poucos recursos. Santos (2012) cita que vários problemas envolviam a educação em Monsenhor Hipólito e que a falta de recursos era marcante, professores leigos e pais ensinavam, assim, as crianças, da maneira como podiam, sendo estes conhecimentos breves, pouco profundos.

O historiador Alcebíades Costa Filho (2006) também cita que uma questão recorrente nos problemas envolvendo a educação no Piauí, que vem desde o Brasil Colônia, refere-se à falta de recursos para os professores trabalharem, de modo que as condições de ensino eram precárias e os alunos iam sendo escolarizados com poucos recursos ou até mesmo sem recursos.

Dona Analete da Conceição Oliveira (2020) fala um pouco sobre sua aprendizagem com os professores leigos, se ela foi satisfatória para sua formação e os problemas enfrentados nesse percurso.

Naquela época foi satisfatória, porque na verdade não era, mas era a única oportunidade que eu tinha, porque eles não tinham formação para ensinar, eles eram leigos, não tinham como repassar ou construir uma coisa que fosse significativa para a gente, mas era a única coisa que a gente tinha de oportunidade naquela época que morava na zona rural, porque na cidade já tinha professores com curso superior, que talvez tivesse uma formação melhor para ensinar os alunos, mas não tive essa oportunidade. Os professores trabalhavam Português, Matemáticas, Estudos Sociais e Ciências. Geralmente, a gente estudava quatro disciplinas só com um professor, as vezes tinha dois. Os problemas para estudar na época, era trabalhar na roça e estudar, a gente tinha que acordar de madrugada, na época não tinha energia, tinha que acender uma vela para ver, a vela tinha que ficar muito próxima do papel, a fumaça atrapalhava um pouco, tinha que conciliar a escola com o trabalho braçal, tinha que ajudar meus pais e não podia só estudar. Os professores são espelhos para a gente, quando a gente começa a estudar, a gente vai evoluindo e eles são realmente construtores da nossa opinião, do nosso futuro, acho que quem tem a oportunidade de estudar, de fazer um curso superior não volta para casa com a mesma mentalidade, o que ensina serve para vida, não só para trabalho e estudo, mas para a vida (Analete da Conceição Oliveira, 2020).

Dona Analete da Conceição Oliveira (2020) lembra dos desafios para estudar, de ter de conciliar o trabalho braçal para ajudar seus pais com os estudos era algo difícil em sua vida, mas que ela tinha que continuar a fazer. Desse modo, enfrentava as dificuldades de acordar de madrugada para realizar suas tarefas e estudar antes de começar a trabalhar mesmo sem energia elétrica, com a fraca iluminação das velas ela estudava.

A dificuldade de ter que conciliar estudos e trabalho que Dona Analete da Conceição Oliveira (2020) cita no período em que foi aluna são as mesmas que Maria do Carmo Rodrigues da Costa (2014) observou no tocante à educação nas décadas de 1970 e 1980 na macrorregião de Picos-PI, onde os alunos tinham de conciliar seu trabalho na roça com a vida escolar, o que se constituía em um grande desafio.

Pablo Bezerra dos Santos (2012) investigou diversos problemas que existiram na educação em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980. Em um primeiro momento o autor dá respaldo à educação no campo fazendo compreender que ela era incipiente, pois no Brasil só famílias ricas costumavam ter acesso à educação. A educação costumava acontecer no âmbito doméstico, pois as primeiras lições que se aprende na vida surgem dentro desse espaço. É nesse ponto que se destacou o ensino informal na cidade de Monsenhor Hipólito, onde o sertanejo teve que ensinar aos seus filhos os conhecimentos necessários para sobreviver naquele ambiente campestre.

Ainda conforme Pablo Bezerra dos Santos (2012), além de todos os problemas que impediam o desenvolvimento da educação escolar em Monsenhor Hipólito, podemos citar ainda outros fatores como: a falta de recursos didáticos; os baixos salários pagos aos professores – em uma pequena cidade onde quem manda é quem tem poder político, quem não pertencesse ao grupo dominante teria que agarrar toda e qualquer oportunidade que lhe surgisse, e isso em uma cidade onde somente há poucos anos foi haver concurso para cargos públicos. Essas pessoas estavam submetidas às vontades dos governantes e com isso, acatariam os baixos salários pagos, afinal, é melhor ter pouco do que ter nada; a dispersão da população rural; um número insuficiente de escolas – porque somente no final da década de 1980, é que as escolas passaram a ser uma prioridade municipal –; o despreparo de alguns professores no interior.

Podemos perceber pela fala de Analete da Conceição Oliveira (2020) que ela valorizava os professores e o papel que tiveram em sua formação, mesmo sendo professores leigos, com pouca instrução, lhe ensinaram o que sabia e a prepararam para o ensino formal.

A memória, na concepção de Jacques Le Goff (2003) é uma das atividades fundamentais do homem, ela constitui-se um elemento indispensável para que se construa a identidade individual e coletiva. E, nos dias de hoje, a busca pela memória é uma das principais atividades empreendidas pelo homem, fazendo com que a memória seja indispensável à construção da História (LE GOFF, 2003).

O historiador Peter Burke (2000) avalia que a memória é influenciada pela organização social de como ela é transmitida, assim como, pelos meios de comunicação que são empregados e que existem variados meios de se transmitir a memória, dentre eles a História Oral.

Nesse contexto, a História Oral nos possibilitou conhecer mais a respeito da docência em Monsenhor Hipólito-PI e foram importantes as falas de diferentes sujeitos para que fosse possível saber mais acerca da docência na cidade e da história dos professores leigos e sua contribuição para educação. Nesse intuito, contribui para a construção da pesquisa uma funcionária que trabalhou na educação durante a década de 1980, a senhora Joana Lídia da Conceição (2021). Ela nasceu no ano de 1960, agricultora, também foi funcionária de escola no período do recorte temporal desse estudo e pode ter um olhar mais próximo a atuação dos professores leigos e como realizavam seu trabalho, assim como as dificuldades sentidas que podia perceber na escola.

Minha vivência, hoje eu tô Monsenhor Hipólito, mas minha vivência foi no interior de Monsenhor Hipólito, trabalhando de roça, agricultora, lá no ano de 1985, eles me deram em uma escola, um colégio que tinha lá próximo a minha casa eu fui merendeira lá, de 85 até 97, eu sempre atuava lá, como merendeira na escola. Era merendeira, lavava louça, já tinha outra pessoa para a parte da limpeza da escola, eu era só na comida fazendo merenda, era o dia todo, tinha aluno de manhã e de tarde. Minha escolaridade, disse que naquele tempo, naquela época eu fiz o segundo ano, mas sei ler e escrever. Era bom, gostava dos alunos, eles gostavam de mim, era aquela alegria na hora da merenda, quando eu chegava com a merenda, eles já estavam formando a fila, eu dava a merenda na fila, aí todos ansiosos para receber a merenda, era muito bom eu gostava, tinha muitos alunos, passou uma época de tempo lá na escola que ainda foi matriculado 114 alunos, era gente que morava lá perto. O trabalho dos professores, lembro que eles davam aula de manhã e à tarde, era assim, fazia atividade, tinha prova. Os alunos alguns gostavam das professoras, outros não gostava. Quando os professores chamavam os pais eles vinham, mas sem chamar não, até porque todo mundo tinha suas atividades, só vinham quando convocavam, eram filhos de agricultor, dificilmente o pai e a mãe ia na escola. Conheço pessoas que foram alunos naquela época, eram muito desinteressados, largavam a escola, iam obrigados, eles mesmos não queriam, os professores iam todo dia ensinar e ler escrever, não vou colocar culpa nos professores (Joana Lídia da Conceição, 2021).

Agricultora, Dona Joana Lídia da Conceição (2021), teve a oportunidade de trabalhar em uma escola no interior de Monsenhor Hipólito onde ela morava, escola que funcionava nos turnos da manhã e da tarde e que segundo ela tinha muitos alunos, chegou a ter 114 alunos. Do trabalho dos professores Dona Joana Lídia da Conceição conta que estes passavam atividades para os alunos, realizavam provas, mas que muitos alunos não queriam estudar, iam como uma obrigação imposta pelos pais e muitos acabavam por desistirem dos estudos.

As Doutoras em Educação Marly Macedo e Maria do Amparo Borges Ferro (2009), ressaltam a existência de um ensino tradicional no Piauí. Os alunos passavam por avaliações e os professores davam suas notas, sempre houve um sistema para indicar que os professores eram superiores aos alunos. Os alunos em Monsenhor Hipólito tinham que provar o pouco que aprendiam através das provas que realizavam.

Como funcionária Dona Joana Lídia da Conceição (2020) conta que percebia os pais ausentes por conta de suas atividades, só iam na escola quando eram convocados. Ela conta que os professores foram significativos na aprendizagem dos alunos, pois estavam lá para ensinar a ler e aprender, embora muitos alunos não quisessem estudar, mas os professores estavam sempre fazendo o seu papel.

Dessa forma, foi possível conhecer um pouco da docência em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980, através do olhar de diversos sujeitos que vivenciaram de alguma forma esse processo, sabendo um pouco mais do trabalho dos professores leigos para levar educação em uma época de ensino precário, bem como seus desafios e sua significância na vida dos alunos. É importante conhecer o que traz a memória desses professores acerca da docência e de seus desafios e possibilidades nas décadas de 1970 e 1980.

Segundo Bosi (2003) foi justo no ano de 1970 que surgiu um interesse de sondar as formas da memória social, ressaltando que muito mais do que qualquer outra fonte, o depoimento oral ou escrito precisa de um esforço de sistematização e claras coordenações interpretativas.

Aquele que coleta os dados deve ser o responsável pela sua interpretação, pois ele pode rememorar os caminhos trilhados. Para pensar a memória social ela recorre a doutrina bergsoniana da memória que é uma doutrina psicológica, partindo a experiência pessoal de perceber e de lembrar, mostrando que a consciência é movente e a estrutura do comportamento é uma relação entre consciência e o mundo.

É considerando as concepções de Ecléa Bosi (2003), acerca da memória, que buscamos interpretar o depoimento oral que os professores leigos deram a respeito da educação em Monsenhor Hipólito, nas décadas de 1970 e 1980.

Anazilda Filha dos Anjos nasceu em 21 de dezembro de 1965, hoje, trabalha como empregada doméstica, mas nas décadas de 1970 e 1980 exerceu a docência em Monsenhor Hipólito-PI. Ela nos contou um pouco sobre sua trajetória de vida:

Minha trajetória nasci e cresci no interior de Monsenhor Hipólito, trabalhando no roçado com meus pais e meus irmãos, meio período ia para escola, assim aprendi a ler e a escrever, aos meus 21 anos casei e continuei trabalhando na roça e parei de estudar e me dediquei a família, marido e filhos. Por volta dos meus sete, oito anos, lá por 1970 meu primeiro professor foi Madalena de Raimundo Bebé Canário, aí veio Odete, Raimundo, etc, estudei no primeiro Colégio nas Barrocas, José Alves, depois no Padre Cícero, Padre Ermínio Pegorari e, no Centro Educacional Decisão. Na época os professores que residiam na localidade eram leigos e não tinha como os que moravam na cidade irem pra lá, então o prefeito achou por melhor chamar os professores que moravam mais perto e como eu sabia ler e escrever e contar as quatro operações eles me chamaram e aceitei tanto pra ter meu dinheiro como pra ajudar, de alguma forma ser professor e ajudar outras pessoas a aprender também (Anazilda Filha dos Anjos, 2020).

Dessa forma, Anazilda Filha dos Anjos conta que estudou em algumas escolas em Monsenhor Hipólito e conseguiu aprender o básico para que se tornasse professora mediante a necessidade das localidades de Monsenhor Hipólito. Os professores com mais instrução moravam na cidade e o prefeito não pensava ser uma alternativa levar esses professores para zona rural, de modo que optou pelos professores leigos.

Anazilda dos Anjos conta que sabia apenas ler e escrever e as quatro operações básicas de matemática, o que foi suficiente para ser chamada a ser professora no interior de Monsenhor Hipólito. Diante da realidade vivenciada no momento, em que as crianças estavam avançando na idade sem aprender o básico, ela entendeu que repassar o que sabia era ajudar outras pessoas.

Como podemos perceber na fala de Anazilda Filha dos Anjos, ela traz lembranças de sua infância e de sua vida adulta quando fala de sua trajetória de vida. Nesse sentido, Bosi (2003) acredita que para muitos indivíduos é mais fácil lembrar da infância do que de acontecimentos da vida adulta, isso porque a comunidade grupal exerce uma função de apoio como testemunha e intérprete das experiências. Considera que o conjunto das lembranças é uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexiste elementos que são de sua escolha e de sua rejeição, com relação aquilo que será lembrado.

Para Bosi (2003), o objeto que se visa com a pesquisa social através da memória é este como totalização, de modo que se dá ao sujeito a oportunidade de lembrar com evocação sistemática. Assim, Anazilda Filha dos Anjos lembrou de sua infância, dos estudos que possibilitaram futuramente ela se tornar professora leiga e contribuir com a educação dos hipolitanos.

Percebemos na fala de Anazilda Filha dos Anjos que sua formação foi bastante simples. Ela passou por várias escolas, sendo que como comenta ao dizer que se tornou professora aprendeu o básico. Maria do Amparo Borges Ferro (1996) destaca que a educação formal no Piauí enfrentou muitas dificuldades, sobretudo, para pessoas que moravam longe da cidade, sendo comum que as crianças ficassem ociosas a brincar, outras se dedicavam ao trabalho na roça e até mesmo as pessoas não conseguiam compreender os problemas da ausência de educação pela dificuldade de comunicação.

Sobre quando começou a lecionar Anazilda Filha dos Anjos e de como era este ensino lembra:

Comecei a lecionar no colégio da Pendagoga, Joana Raimunda dos Anjos, no ano de 1986. Lecionei de 17 a 18 anos. O espaço era mais ou menos, com cadeiras e um quadro, ensinava Português, Matemática, Ciências, Estudos Sociais, Ensino Religioso, da alfabetização até a 8ª série do ensino fundamental. Foi uma experiência muito boa, sempre soube lidar com pessoas e gosto muito de crianças e dava minhas aulas com muito amor, a marca do que fazia. Eu fazia planos de aula pra fazer melhor para os meus alunos, usava a metodologia explicativa, explicava o texto e depois exercitava com perguntas e os alunos respondiam e depois eu ia corrigir, os recursos eram poucos, mas já tinham livros e eu trabalhava com revista, com coisas da natureza folhas, flores, frutos, raízes, com colagens de palito de fósforo, de picolé, tampa de garrafa, etc. (Anazilda Filha dos Anjos, 2020).

Anazilda Filha dos Anjos conta que lecionou muitos anos, em várias séries, todas as disciplinas. Ela lembra dessa época como uma lembrança muito boa, um período que ela gostou muito porque conta que fazia com amor. Para melhorar suas aulas ela procurava sempre fazer seus planos de aula. Ela conta que explicava o conteúdo dos alunos e depois fazia perguntas e exercício para eles, que depois eram corrigidos.

Ela conta que os alunos tinham livro didático, um dos poucos recursos que dispunha na época. Então, buscava trabalhar com revistas, com materiais que encontrava na natureza e com colagens, era uma forma que ela encontrava de melhorar o ensino para os alunos.

Tonny César Barbosa da Silva (2012) lembra que no Piauí, na década de 1980, a falta de mão de obra qualificada para o magistério fazia com que fosse comum recorrer aos professores leigos, uma prática que era comum em todo o solo piauiense, isso fazia com que a educação se desenvolvesse de forma bem lenta. Assim, muitos professores exerciam o magistério mesmo sem a qualificação adequada, eles também não contavam com material didático diversificado, assim como sua remuneração era baixa.

Anazilda Filha dos Anjos também retrata sobre sua relação com os pais de alunos, sobre dificuldades vivenciadas e de como lembra dessa época:

Sempre tive contato com os pais, eu já fazia reuniões para os pais ou responsáveis, alguns se esforçavam para resolver alguma coisa para gente. Era um tempo difícil, principalmente a distância da escola para mim e para alguns alunos e a falta de material e de incentivo por falta de poder público. Mas eu não tenho dúvida que de alguma forma eu contribui para o progresso da minha amada Pedagoga e para Monsenhor Hipólito também. Eu tenho orgulho dos meus queridos alunos que ainda tem deles que me chamam de minha professora e de saber que aprenderam as primeiras letrinhas, os primeiros rabiscos ensinados por mim, isso não tem preço, mas dava dor de cabeça também ser professor, a gente se reunia todo final de mês pra o planejamento mensal. Hoje em dia estou só em casa cuidando da família me dediquei a igreja até hoje e me faz muito bem (Anazilda Filha dos Anjos, 2020).

Dessa forma, Anazilda dos Anjos, mostra ter boas lembranças do tempo em que foi professora, apesar de todos os desafios enfrentados, da falta de apoio público, da falta de material para trabalhar, diante dessas dificuldades a professora mostra-se feliz por ter participado da vida educacional da cidade, de ter ensinado para os alunos o pouco que sabia.

Ela ressalta que o magistério também trazia dores de cabeça, pelas dificuldades repassadas, mas se orgulha muito de ensinar as primeiras letras, de participar dos primeiros rabiscos da vida da criança. Hoje em dia se dedica à casa e à igreja.

Nessa perspectiva, continuamos a analisar nossas fontes orais, que são de grande importância para destacar a educação em Monsenhor Hipólito, nas décadas de 1970 e 1980, sendo que Portelli (1997) destaca a importância da transcrição das fontes orais, de modo que entende que a interpretação das fontes, elas dão informações sobre um povo iletrado ou acerca de grupos sociais, os quais a história não está escrita. Seu conteúdo, também, diz respeito a vida diária e a cultura material destas pessoas e grupos. Da mesma forma, a história oral vem sendo utilizada para coletar entrevistas de grupos sociais que usam a escrita.

Outro ponto trazido por Portelli (1997) acerca da história oral é ela como narrativa, em que ressalta que as fontes históricas orais são fontes narrativas. Eventos e significados, são outro ponto discutido, onde avalia que a primeira coisa que torna a história oral diferente é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significado, ressaltando que entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos que são conhecidos, sempre lançando novas luzes acerca de aspectos inexplorados da vida diária. Ressalta-se que o único e mais precioso elemento que as fontes orais possuem é a subjetividade do expositor.

Considerando as particularidades da história oral, contamos com a narrativa de Catarina Francisca de Sá e Sousa, nascida em 1957, que atualmente é agricultora, mas que durante as décadas de 1970 e 1980 foi professora em Monsenhor Hipólito. Ela traz um pouco de sua história de vida e de seu trabalho como docente:

Nós morava na época em Iburana, aí com o passar do tempo meus pais compraram uma terra e resolveram ir embora, se mudar, aí viemos morar na serra, com o passar do tempo construíram uma casinha e não tinha condições de estudar, mas aí meus pais contratavam assim professoras, eu trabalhava na roça, era a mais velha, tinha que ajudar meus pais, meus irmãos, era 59, aí em 60 não, meus pais resolveram a ensinar, a alfabetizar, aí veio a professora, que era Isaura, a ensinar aqui em casa, depois morava perto dos meus avós e dos meus tios e ele colocava também as professoras para ensinar, era assim, era só lendo, adição, as provas era assim, o que você estudava na semana, era no fim da semana a professora ia perguntar, fazia a pergunta e a gente respondia para ver o que tinha aprendido. Aí o tempo foi passando, aí em 73 nós voltamos novamente para Iburana, aí na época já tinha o colégio, aí como eu já tinha estudado lá até a 4ª série, porque lá era assim se você estudasse o livro todinho e respondesse as perguntas já ia para a 1ª série era alfabetizada, aí a 4ª série valia até a 8ª série hoje. Aí parei de estudar, aí casei, não se dava muito valor a estudo, era trabalhar (Catarina Francisca de Sá e Sousa, 2020).

Pela história contada por Catarina Francisca de Sá e Sousa, percebe-se que ela estudou com professores que lhe ensinaram em casa. Ela conta que seus pais e outros familiares sentiram a necessidade de alfabetização dela e, assim, cuidaram para que ela recebesse em casa assistência de professores.

Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007) destaca que era comum professoras que haviam feito um curso pedagógico montavam escolinhas em suas próprias residências e funcionavam sem autorização e sem registro das Secretarias estaduais e municipais de educação. Convém destacar que muitas crianças foram iniciadas nas primeiras letras assim, era um ensino tradicional, onde até muitas vezes era utilizada a palmatória.

Na fala de Catarina Francisca de Sá e Sousa ela ressalta que estudou em casa e que na 1ª série já estava alfabetizada, sendo que na 4ª série parou de estudar, pois já havia aprendido o livro e conseguia responder as questões que a professora lhes apresentava. Ela conta também que a 4ª série valia como se fosse a 8ª série na atualidade.

Sobre seu trabalho na docência Catarina Francisca de Sá e Sousa através de sua memória trouxe as colocações:

Quando voltei para Iburana, alguns pais me procuraram se eu não queria dar aula particular em casa. Aí quando foi em 1977, em junho, aí resolvemos chamaram o prefeito e aí eu passei a ensinar em casa, de junho e encerava em 30 de novembro, aí comecei alfabetizando uma turma e outras que já era alfabetizada, aí foi quando eu já ensinava no 1º ano e depois o 2º ano, eu formei turma de 32 alunos, aí veio um secretário de Teresina e aí a gente teve uma conversa, ele fez umas perguntas e respondi aí ele disse você vai ensinar até o 2º ano em sua casa e depois se os pais quiserem que os filhos continuem estudando aí mandam eles para a cidade, aí eu ensinei até 1980 assim, aí meu marido não quis mais, tanta coisa, trabalho, correria, aí era para eu parar, aí eu parei, quando foi em 1983 eu voltei, formava grupos de estudos, em 1985 seu avó doou terra e aí construiu a escola, mas tinha gente que não queria ir porque era longe, me chamaram aqui e conversaram e eu passei a ensinar no colégio, passei nove anos lá, até o concurso público e para continuar ensinando eu tinha que estudar em Campo Grande, aí você sabe como é, eu tinha criança pequena e aí diziam a quem vai entregar, nam dona de casa não pode não, aí eu parei (Catarina Francisca de Sá e Sousa, 2020).

Catarina Francisca de Sá e Sousa passou um longo período dando aulas, alfabetizava os alunos, ela lecionou por um tempo, parou e depois retornou. Em sua fala percebe-se que ela enfrentava algumas oposições para ser professora nesse contexto, como a de seu marido, sendo que chegou a parar de lecionar, mas retornou. Ensinou em casa e quando construíram a escola ela passou a lecionar nela até que veio o concurso público e por não ter formação ela teve de parar de lecionar. De modo que teria que fazer um curso em outra cidade, mas por ser esposa e mãe as pressões sociais da época não permitiram.

Comecei a lecionar por exigência dos pais, que me procuravam e procuravam meus pais, porque na época morava com meus pais. Eu lecionei 15 anos, eu dava aulas na minha casa era numa varanda, os pais ajudavam, uns trazia mesas, outros trazia cadeiras, eu dividia, eu ensinava a primeira parte a uns e a segunda parte a outros, ensinava manhã e tarde, na escola era só meio-dia, mas tinha alfabetização e primeiro ano, ensinava duas horas em cada turma. Eu ensinava a alfabetização que se chamava cartilha, português, matemática, estudos sociais e ciências. Graças a Deus só teve um aluno que não me obedeceu na sala de aula aí falei com os pais que se ele não melhorasse ele ia ser suspenso e ele não voltou mais para aula. Para dar aula usava o livro, quadro, giz, já tinha livro e prova e fazia todo mês o planejamento, fazia até curso para aumentar o conhecimento. Os pais ajudava, participava das reuniões, de festinhas em datas comemorativas, era boa a relação, o que precisava e tava a seu alcance a gente pedia e eles fazia. As coisas era mais difíceis, a falta de interesse dos pais, de entender que os alunos tinha que vir todo dia, eles queria que eles aprendessem, mas não entendia que tinha que ir todo dia. Meus alunos que estudaram comigo sempre quando foram para outra escola ficaram de parabéns, aprendiam comigo, meu trabalho foi importante, eu era organizada, ainda hoje eles vêm me procurar (Catarina Francisca de Sá e Sousa, 2020).

Dessa forma, Catarina Francisca de Sá e Sousa, conta que se tornou professora mais por exigência dos pais que tinham conhecimento de que ela sabia ler, escrever, tinha um pouco de conhecimento. E, assim, buscavam que ela ensinasse seus filhos e pediam aos pais dela para que ela ensinasse seus filhos.

Em casa, os pais ajudavam com os materiais que ela precisava para trabalhar, ensinava na sua varanda com mesa e cadeira que os pais davam, alfabetizava os alunos e ensinava também aqueles que já estavam alfabetizados, ensinava, assim, na alfabetização e primeiro ano.

Quando passou a ensinar na escola era da mesma forma. Ela conta que os pais apoiavam, mas não tinham uma compreensão de que era preciso que o aluno frequentasse a aula todos os dias. Assim, acabavam permitindo que os alunos faltassem muitas aulas e isso prejudicava a aprendizagem deles.

Pelas narrativas dos professores leigos de Monsenhor Hipólito-PI, nas décadas de 1970 e 1980, percebe-se que estes tinham pouco conhecimento, mas diante da realidade vivenciada pelos alunos, diante da falta de oportunidade que tinham de estudar, o saber dos professores leigos era muito valioso, sendo que ensinavam as primeiras letras, o básico de matemática e também conteúdos de ciência e de estudos sociais. Essas narrativas mostram que na zona rural a educação enfrentava muitos desafios para acontecer, sendo que havia um certo descaso das autoridades, sendo mais fácil fazer com que os alunos estudassem com professores de pouca instrução, muitas vezes em casa, do que fundar escolas na região ou implementar formas de levar esses alunos para a cidade.

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo aqui apresentado abordou a educação em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980 considerando a história dos professores leigos da região, que enfrentando dificuldades adversas alfabetizaram muitos alunos e conseguiram promover o ensino mesmo diante do descaso de governantes.

A educação era de difícil acesso à população rural de Monsenhor Hipólito no período estudado. Havia a distância das escolas, a falta de transporte, de condições de levar o filho até a escola e até mesmo a necessidade de que este trabalhasse na roça para ajudar no sustento da família, de modo que os professores leigos foram de grande valia para a instrução dos alunos hipolitanos nesse período.

Os professores leigos atuaram em suas próprias casas e nas escolas da região. Mesmo tendo pouca instrução, faziam o possível para ensinar o que sabiam aos alunos. Eles utilizavam livros, quadro, giz e alguns materiais que providenciavam. Era um ensino tradicional, pautado em ensinar e averiguar o que o aluno sabia, através de provas de perguntas e respostas, que determinavam se os alunos tinham aprendido o conteúdo repassado.

Tanto os professores, quanto os pais de alunos e os próprios alunos reconhecem a importância dos professores leigos para a educação hipolitana, pois se eles sabiam pouco era o suficiente para preencher a falta de oportunidades de estudar em Monsenhor Hipólito. E o conhecimento que repassavam foi importante para que os alunos seguissem a vida acadêmica e que buscassem por mais conhecimento.

Assim, nas décadas de 1970 e 1980 a educação em Monsenhor Hipólito se desenvolveu através do trabalho dos professores leigos, que ensinavam em suas casas ou em escolas. Ensinavam com o pouco material de que dispunham e procuravam planejar suas aulas para que pudessem oferecer um ensino melhor, dentro do possível, para seus alunos. A educação seguia, assim, o método tradicional.

Ressalta-se que a contribuição da atuação dos professores leigos à educação em Monsenhor Hipólito-PI foi positiva, pois devido ao seu desempenho muitas crianças foram alfabetizadas e aprenderam as primeiras letras, podendo posteriormente prosseguir nos estudos sem maiores dificuldades. Esses professores contribuíram para que as famílias da região pudessem ter um apoio na educação de seus filhos, contribuindo, assim, com toda a cidade, já que a educação é essencial para o desenvolvimento de uma cidade.

Dessa forma, esperamos que esse estudo tenha importância para que seja possível conhecer melhor as especificidades da educação em Monsenhor Hipólito-PI nas décadas de 1970 e 1980 e pensar a respeito do papel dos professores leigos na aprendizagem das crianças dessa cidade e para o posterior desenvolvimento do ensino formal nela. Desejamos que novos estudos possam ser construídos acerca da temática, enriquecendo-a e contribuindo para que se conheça mais a respeito da educação no Piauí.

**REFERÊNCIAS**

ALVES, Samairkon Silva de Oliveira. **Docência (re) inventada:** **história e memória das professoras leigas na cidade de Picos no período de 1950 a 1980.** 2011. 57f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2011.

ANJOS. Anazilda Filha dos. **Entrevista concedida a Francisca Lucivânia de Oliveira Teixeira**. Monsenhor Hipólito-PI, 19. jan. 2021.

AUGÉ. Marc. Dos lugares aos não lugares. In: **Não lugares:** **introdução a uma antropologia da supermodernidade.** – 9ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 71-105.

BEZERRA, Allysson Pereira. **É hora da curtição:** **os espaços de lazer e sociabilidades juvenis na cidade de Monsenhor Hipólito-PI na década de 1980.** 2014. 72 fls. Monografia (Licenciatura Plena em História. Universidade Federal do Piauí. Picos. 2014.

BENJAMIN, Walter. Cahltes Baudelaire, um lírico auge do capitalismo In: **Obras escolhidas** III. São Paulo. Brasiliense. 1989.

BEZERRA, Allysson Pereira. **É hora da curtição:** **os espaços de lazer e sociabilidades juvenis na cidade de Monsenhor Hipólito-PI na década de 1980.** 2014. 72 fls. Monografia (Licenciatura Plena em História. Universidade Federal do Piauí. Picos. 2014.

BEZERRA, Miguel Joaquim. **Das origens às raízes**: 100 Anos de Santa Ana Padroeira do Riachão. Monsenhor Hipólito PI: 2007.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo, Ateliê Editorial. 2003.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** (org.). Campinas. Editora da Unicamp, 2001.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano.** 1 Artes de fazer. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 2008. P. 169-191.

CONCEIÇÃO, Joana Lídia. **Entrevista concedida a Francisca Lucivânia de Oliveira Teixeira**. Monsenhor Hipólito-PI, 21. jan. 2021. 5 min.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** 4 ed. São Paulo, Ática, 2000. P. 7-35.

CORTI, Ana Paula. Ensino Médio em São Paulo: a expansão das matrículas nos anos 1990. **Educ. Real.**vol.41 no.1 Porto Alegre jan./mar. 2016.

COSTA FILHO, Alcebíades. **A Escola do Sertão:** **ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889.** Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

COSTA, Maria do Carmo Rodrigues. **Os professores leigos e suas histórias: uma abordagem sobre a docência na microrregião de Picos no período de 1980 a 1996.** 2014. 61 fls. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí. Picos. 2014.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos.** 2. ed. – São Paulo. Associação Editorial Humanitas. 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5. Ed. Capinas, São Paulo, UNICAMP, 2003.

MACEDO, Marly; FERRO, Maria do Amparo Borges. Memórias de Professoras Primárias Teresinenses e Suas Histórias, 1960-1970. In: **História da Educação: novos olhares, velhas questões.** FERRO*, et al*. (Org), Teresina, EDUFPI, 2009.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. **História oral como fonte:** **problemas e métodos.** História, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

OLIVEIRA, Analete da Conceição. **Entrevista concedida a Francisca Lucivânia de Oliveira Teixeira**. Monsenhor Hipólito-PI, 21.dez. 2020. 7 min.

OLIVEIRA, José Geraldo de. **Entrevista concedida a Francisca Lucivânia de Oliveira Teixeira**. Monsenhor Hipólito-PI, 21. dez. 2020. 8 min.

OLIVEIRA, Marinêz Maria. **Práticas de fé e devoção a Santa Ana na cidade de Monsenhor Hipólito-PI nos anos de 2000-2007.** 2016. 53 fls. Monografia. (Graduação em História). Universidade Federal do Piauí. 2016.

OLIVEIRA, Vivianne Souza de. et al. **O “Entusiasmo pela Educação” na Primeira República: Uma Perspectiva de Progresso Político-Social no Brasil.** 2012. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema2/0212.pdf>. Acesso em: 09. set. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, sensíveis Cidades, Cidades Imaginárias**. Rev. Bras. Hist.** São Paulo, v. 27, n 53 de junho de 2007.

PERES, Tirsa Regazzini. **Educação Brasileira no Império.** 2006. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/105/3/01d06t03.pdf>. Acesso em: 09. set. 2019.

PINTO, Maria das Graças dos Santos Bezerra Ribeiro. **Entrevista concedida a Francisca Lucivânia de Oliveira Teixeira**. Monsenhor Hipólito-PI, 05. jan. 2021. 7 min.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol 5. nº10. 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História.** São Paulo, 14, fev, 1997.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo. Brasiliense. 1995.

SANTOS. Pablo Marcel Bezerra dos. **Educação e sociedade na cidade de Monsenhor Hipólito – PI durante os anos de 1975 a 1998.** 2012. 82 fls. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí. Picos. 2012.

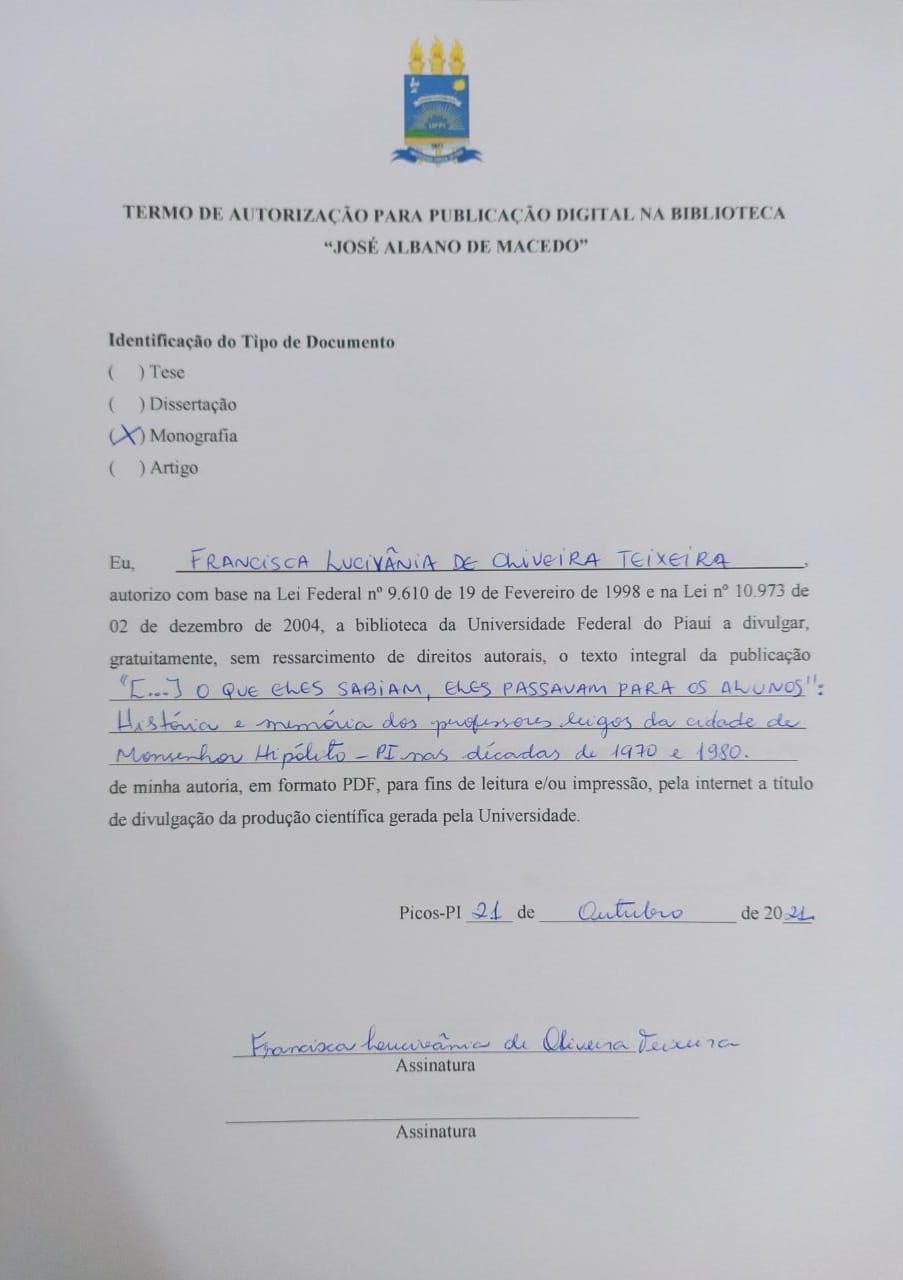
SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **História, Memória e Identidade na cidade de Timon na década de 1980.** 2007. 111f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Teresina. UFPI, 2007.

SILVA, Tonny César Barbosa da. **A Cidade de Dom Expedito Lopes: desenvolvimento urbano e social (1964 – 1980). 2012.** 84f. Monografia (Graduação em História), Universidade Federal do Piauí, Picos, 2012.

SCHORSKE, Carl E. A cidade segundo o pensamento europeu – de Voltaire a Spengler. In: **Espaço e Debates.** Ano IX. nº 27. 1989.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

YOKOO, Sandra Carbonera; CHIES, Claúdia. **O papel das praças públicas:** **estudo de caso da Praça Raposo Tavares na cidade de Maringá.** Encontro de Produções Cientificas e Tecnológicas. 2009. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/nupem/anais\_iv\_epct/PDF/ciencias\_exatas/12\_YOKOO\_CHIES.pdf>. Acesso em: 12. Mar.2021.



1. Indivíduo com pouco conhecimento sobre uma determinada área. No período estudado, em cidades interioranas, era comum que pessoas com pouco conhecimento assumissem o papel docente, pelas dificuldades que se apresentavam na época, onde as pessoas tinham pouca formação e a necessidade de que as crianças não crescessem sem instrução nenhuma dava espaço para que os professores leigos pudessem atuar, repassando aquilo que sabiam, mesmo que não correspondesse a um conhecimento profundo do assunto. [↑](#footnote-ref-1)